"Por Reforma e Avivamento Hoje!"

Os Puritanos

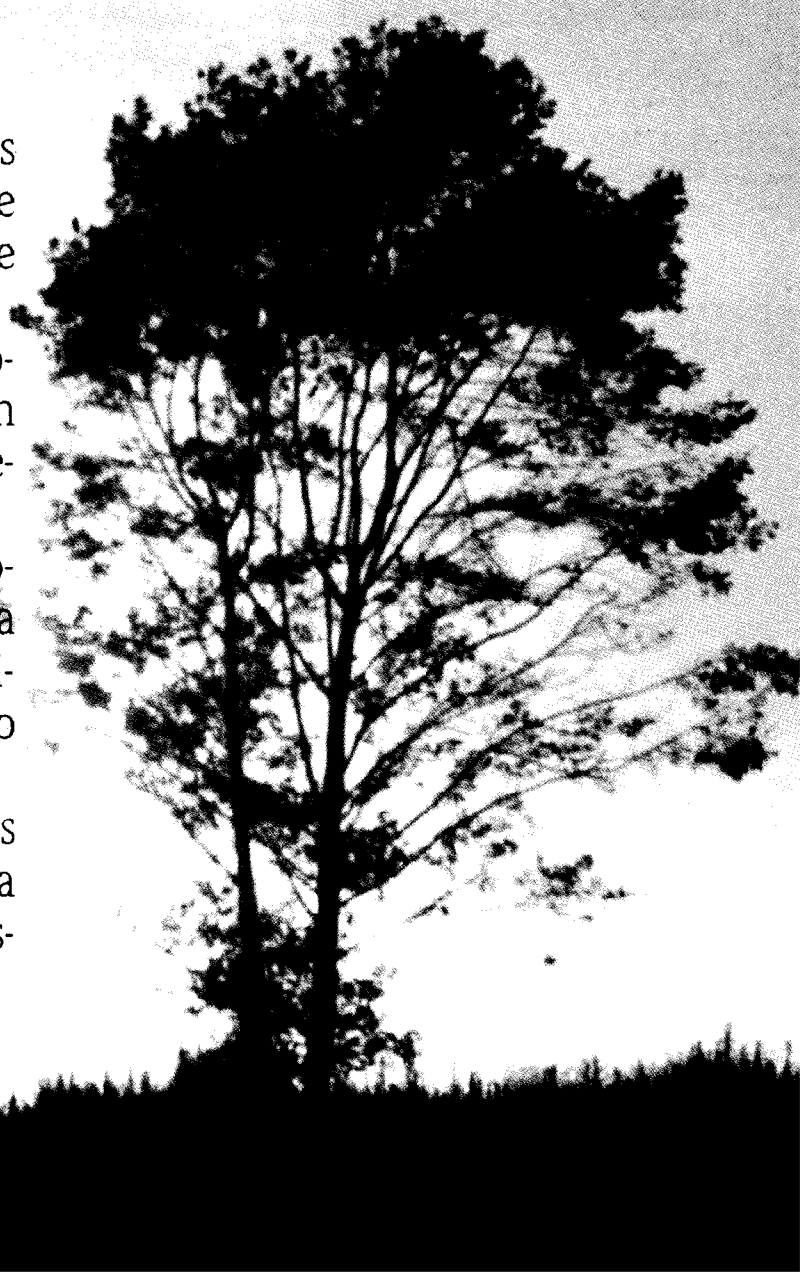
"Sola scriptura, sola gratia, sola fide, soli Deo gloria, solus Christus"

PROJETO OS PURITANOS

ANO VIII - Nº 1 - Janeiro/Fevereiro/Março - 2000 - R$ 4,00

PREDESTINAÇÃO

"e aos que predestinou a estes também chamou..." Rom. 8:30



27 E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos.

28 Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.

29 Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.

30 E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

Predestinação

Manoel Canuto

E aos que Predestinou, a estes também chamou...

Soube que certo jovem que freqüentava uma igreja pentecostal, após ter descoberto as doutrinas da graça, passou a falar sobre elas em sua congregação. A liderança ao tomar conhecimento do fato eliminou o moço da sua membresia especialmente porque estava ensinando a doutrina da Predestinação.

Por que esta palavra – predestinação – traz tanto ódio e incompreensão se ela é bíblica e por isso mesmo amada por Deus? Muitos afirmam que esta é uma doutrina diabólica como se uma entidade maligna caprichosa a tivesse criado para anunciar um fatalismo descabido no qual o homem teria sido jogado.

Durante toda minha vida vivi na igreja presbiteriana, defensora, nos seus Símbolos de Fé, do ensino glorioso da predestinação, mas sem saber nada ou muito pouco desta verdade bíblica e consoladora. Para mim era algo irrelevante, algo semelhante a isso: você não crê na predestinação, amém; você crê, amém também. Hoje chego a conclusão de que assim pensava porque em mim não havia conhecimento e como consequência não podia ter convicção. Um homem sem convicção não tem profundidade no que crer, não tenta e não faz reformas em sua vida, não tem nenhuma motivação; jamais morreria por aquilo que acredita porque tem apenas algo que esta no cérebro mas não na consciência. A consciência é normativa sobre nossos atos: nos acusa ou nos desculpa. Uma consciência culpada pode ser maléfica ou benéfica. Se nos leva ao arrependimento é uma bênção, se está cativa à Palavra nos faz abençoados, mas se está cauterizada é uma maldição.

Para que nossa consciência funcione ela deve ser influenciada por uma convicção profunda aplicada pelo Espírito Santo.

Por terem profundas convicções os crentes da igreja primitiva, e muitos que lutaram pela fé reformada, foram mortos, jogados às feras, queimados vivos, cantando salmos de louvor ao Senhor Deus.

Dr. Sproul disse: "O Espírito Santo atua com a Palavra... a Palavra e o Espírito andam juntos... O Espírito é o revelador da verdade". A verdade (doutrina) nos traz convicção e se dirige a nossa consciência.

Se meu entendimento da predestinação não é correto, então meu pecado é duplo: estou ensinando errado (e virá juízo sobre mim) e estarei difamando aqueles que estão com a verdade da Palavra de Deus.

Percebo que muitos que estão em igrejas supostamente reformadas chegaram à convicção (quando muito) de que a doutrina da predestinação é bíblica e por isso, correta. Mas neles ainda há um problema. A questão parou na mente, não desceu ao coração, não tocou a consciência. Vou dizer em outras palavras: Não amam a doutrina da predestinação, não gostam dela!

Em certo sentido estas pessoas são erradamente coerentes. Por não amarem esta doutrina que Deus revelou, decidiram que nunca falariam dela e até pastores concluíram que nunca pregariam sobre a mesma. Que pena, privar o rebanho daquilo que Deus revelou para edificar a Igreja. É tirar o alimento do rebanho, é deixá-lo com fome e sede.

Mas falar de predestinação é falar dos decretos de Deus, do Seu amor eterno para com o Seu povo, da Sua soberania, da Sua graça, do Seu chamado eficaz, da Sua justiça imputada a nós; é falar da nossa garantida glorificação. É falar da nossa regeneração, da fé, do nosso arrependimento, da nossa salvação; é falar da nossa responsabilidade em sermos santos, da nossa responsabilidade de evangelizar. Afinal, é "deixar Deus ser Deus" como disse Lutero a Erasmus.

EDITORIAL

Os Puritanos - Ano VII- Número 1
Janeiro/Fevereiro/Março de 2000

Editor
Manoel Canuto

Conselho Editorial
Josafá Vasconcelos
Manoel Canuto
Olin Coleman

Revisores
Manoel Canuto
Emir Bermeguy

Tradutores
Adelelmo Fialho
Luciana Heyse
Marcos Vasconcelos
Ronaldo Pernambuco

Editoração Eletrônica e Ilustração
Heraldo F. de Almeida (0**81) 427-6354

Impressão
Facioli Gráfica e Editora Ltda.
Fone: (0**11) 6957-5111 São Paulo

PROJETO OS PURITANOS

OS PURITANOS é uma publicação trimestral do Ministério Grande Momento - Órgão de divulgação da Fé Reformada. Rua das Pernambucanas, 30 - Sala 07 - Graças -Recife-PE - Cep 52011-010 - Fone/Fax (081) 423-4175 - E-mail: ospuritanos@uol.com.br

Que este número nos faça mais humildes e Deus mais glorioso; que sirva para tirar de nós o ceticismo e o preconceito contra a soberania de Deus na salvação, algo que cada vez mais tem sido banido do arraial cristão; que nos mostre que Deus salva eficazmente e unicamente aos seus eleitos, aos que escolheu pelo beneplácito de Sua vontade mediante o lavar regenerador do Espírito Santo; por eles Cristo veio ao mundo e naquela rude cruz se fez maldito: "*E lhe porás o nome de Jesus porque ele salvará* ***o seu povo*** *dos pecados deles*", disse o anjo a José (Mt 1:21).

Boa leitura.

Manoel Canuto

A Atitude de Calvino Diante da Predestinação

Por: Edwin H. Palmer

Calvino escreveu que, ao tratar da predestinação, deveríamos evitar duas atitudes: curiosidade excessiva quanto ao que Deus não nos tem revelado e uma timidez exagerada em ensinar o que está revelado.

"Primeiro, pois, que recordem que quando estudam Predestinação estão penetrando nos recintos sagrados da sabedoria divina. Se alguém irrompe com segurança despreocupada neste lugar, não chegará a satisfazer a curiosidade e entrará num labirinto do qual não achará saída. Porque o homem não tem direito a averiguar sem restrições coisas que o Senhor tem decidido que permaneçam escondidas nEle; nem tão pouco têm direito a investigar desde a eternidade esta sublime sabedoria, que Deus quis que reverenciássemos, porém que não entendêssemos, a fim de que por meio dEle, nos enchêssemos de temor. Com Sua palavra tem declarado os segredos da Sua vontade que tem decidido nos revelar. Tem decidido revelar-nos enquanto previu o que nos dizia respeito e nos beneficiaria". [1]

Para Calvino, ao ocupar-nos da Predestinação, a Palavra de Deus é a única norma. "Se prevalece este pensamento que a Palavra de Deus é o único caminho que nos pode guiar à busca de tudo que é justo a respeito dEle, a única luz para iluminar nossa visão de tudo que deveríamos ver dEle, nos preservará facilmente e nos livrará de toda temeridade. Porque sabemos que enquanto excedemos os limites da Palavra, nosso curso andará desviado e na escuridão, e que erraremos, resvalaremos e tropeçaremos repetidas vezes. Tenhamos pois isto mui presente acima de tudo: buscar qualquer outro conhecimento da Predestinação à parte do que a Palavra de Deus manifesta não é menos insano do que querer caminhar no deserto sem trilhas ou querer ver no escuro. E não nos envergonhemos de ser algo ignorantes neste terreno, já que existe uma certa ignorância sábia. Antes bem, abstenhamo-nos voluntariamente de indagar em uma classe de conhecimento, cujo desejo ardente é tanto néscio como perigoso, e ainda mortal, inclusive. Porém se nos agita uma curiosidade atrevida, faremos bem em contrapor-lhe este pensamento moderador: assim como não é bom comer demasiadamente mel, tão pouco, no caso do curioso, a investigação da glória não se transforma em glória. Porque há boa razão para que nos dissuadamos desta insolência que nos pode jogar na perdição". [2]

A segunda atitude que deveríamos evitar, diz Calvino, é a dos que "quase exigem que se oculte toda menção da Predestinação; de fato, nos ensinam que há que se evitar qualquer pergunta a respeito dela do mesmo modo que evitaríamos um arrecife". Também esta atitude está equivocada. Porque a Escritura é a escola do Espírito Santo, na qual, igualmente, não se omite nada que seja

Ir Para Página Nº

Editorial 02
A Atitude de Calvino Diante da Predestinação .. 03
Doutrina da Eleição 04
Os Decretos Eternos de Deus 05
Eleição por Graça 09
Eleição Incondicional 16
Oração Arminiana e Oração Calvinista 19
A Soberania Divina 20
João Calvino e a Doutrina da Reprovação 22
Cofissão de Fé de Westminster 24
A Chamada 25
Predestinação Uma Visão Bíblica 28
Por que Deus Resolveu Salvar Alguns 31
O Movimento Carismático – 3 32

necessário e útil conhecer e tão pouco nada se ensina que não seja conveniente saber. Portanto, devemos cuidar de não privar aos crentes de qualquer coisa revelada na Escritura com respeito a Predestinação, para não parecer, ou que os privamos maliciosamente da bênção de Deus, ou que acusamos o Espírito Santo e zombamos dEle por haver publicado o que não é proveitoso suprimir. Afirmo que devemos permitir que o cristão abra os olhos e ouvidos a toda manifestação que Deus lhe dirija, contanto que o faça com tal moderação que quando o Senhor fechar os Seus Santos lábios, também feche de imediato o caminho das investigações.[3]

Calvino conclui suas observações dizendo que deseja que os que querem ocultar a predestinação "admitam que não deveríamos investigar o que Deus tem deixado em secreto, que não deveríamos negligenciar o que tem sido posto em descoberto, de modo que não se possa acusar de excessiva curiosidade por um lado nem de excessiva ingratidão por outro...Assim pois, todo o que acumula ódio sobre a doutrina da Predestinação censura a Deus, como se Deus houvesse imprudentemente deixado passar algo daninho para a igreja".[4]

Deste modo Calvino ensinou o princípio da Sola Scriptura, toda a Escritura e somente a Escritura. O homem deve ensinar tudo o que Deus tem revelado, incluindo a predestinação. Porém não deve ir além das Escrituras, especulando no que Deus não tem revelado. Não se pode adotar uma atitude mais bela que esta que Calvino expressou.

Extraído de DOCTRINAS CLAVES – El Estandarte de la Verdad

[1] João Calvino, Institutas da Religião Cristã, III xxi, 1

[2] Calvino, III, xxi, 2.

[3] Calvino, III, xxi, 3.

[4] Calvino, III, xxi, 4

DOUTRINA DA ELEIÇÃO:

Fonte de Encorajamento para a Pregação do Evangelho a Pecadores

"Teve Paulo durante a noite um visão em que o Senhor lhe disse: Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo e ninguém ousará te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade" (Atos 18.9-10)

Os fatos aqui relatados ocorreram em Corinto, cidade grega destacada pela sua riqueza e magnificência, e não menos pela luxúria e licenciosidade. Paulo parece ter sido a primeira pessoa a pregar O Evangelho naquela cidade. Sua pregação, embora tenha obtido algum sucesso imediato, encontrou violenta oposição e ele parece ter ficado por um tempo grandemente desencorajado. Ciente da sua completa insuficiência para acalmar a inimizade dos judeus, ou para conter a torrente de impiedade que prevalecia entre os gentios, ele estava quase pronto a resistir, e a procurar algum outro campo de trabalho mais promissor.

Mas Deus, que conforta os abatidos, apareceu-lhe em uma visão e prometeu estar com ele e protegê-lo. Também assegurou-lhe que, embora a situação parecesse tenebrosa e desencorajadora, os seus esforços ainda seriam coroados com significativo sucesso, pois disse-lhe: "Tenho muito povo nesta cidade". Encorajado por essa declaração, permaneceu lá por um ano e seis meses, e teve um papel decisivo na formação de uma grande e florescente igreja.

Em que sentido era verdade que Deus tinha muito povo em Corinto? Não em que eles fossem verdadeiros crentes, pois quando essa declaração foi feita muito poucos haviam abraçado a fé cristã. A massa do povo continuava idólatra e entregue aos mais grosseiros vícios. Mas havia muitas pessoas naquela cidade cujos nomes estavam no livro da vida, das quais Deus tinha proposto fazer troféus da Sua graça - pessoas que Deus havia dado a Cristo no pacto da redenção e que tinham sido predestinadas para a adoção de filhos.

Mas, se elas tinham sido dadas a Cristo e sido predestinadas para a vida eterna, que necessidade havia de que Paulo lhes pregasse o Evangelho, ou que algum meio fosse usado para efetivar sua conversão e salvação? Não serão salvos aqueles que Deus escolheu para a salvação? Sem dúvida que sim; mas eles não serão salvos sem a instrumentalidade dos meios, porque é parte do Seu divino propósito que eles sejam salvos desta forma. A razão pela qual Deus determinara que Paulo continuasse a pregar o Evangelho em Corinto era porque Ele tinha muitas pessoas naquela cidade. Isso foi dito para o seu encorajamento, e foi a principal fonte de encorajamento que ele teve para perseverar em seus labores. Ele sabia que essas pessoas estavam mortas no pecado. Ele sabia que todos os seus esforços para despertá-las para a vida espiritual eram totalmente impotentes; e que, por consequência, elas iriam inevitavelmente perecer, a menos que Deus se interpusesse pela Sua graça. Quão animadora portanto deve ter sido para ele a compreensão de que Deus não tinha destinado todos os habitantes daquela grande cidade para uma completa destruição, mas havia determinado, através da sua instrumentalidade, trazer multidões das trevas para a Sua maravilhosa luz! E essa consideração susteve Paulo não só em Corinto mas em todos os lugares onde era chamado para pregar o Evangelho, "Tudo suporto", desse ele, "por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus com eterna glória" (II Tm 2.10). A mesma consideração deveria nos suster e encorajar em nossos esforços para promover os interesses do reino de Cristo na terra. Eu retiro do texto, portanto, a seguinte doutrina:

> "O fato de Deus ter um povo escolhido na terra provê o encorajamento para a pregação do Evangelho, ou para se empregar os meios para a salvação de pecadores"

Dr. Bennet Tyler (1783-1858) - Tradução: Ronaldo Pernambuco, membro da Igreja Presbiteriana Central do Pará

Os Decretos Eternos de Deus

Por: J. Greshan Machen

Desejo começar a lhes falar do que Deus faz.

Porém, antes de falar do que Deus faz, primeiro deve- se perguntar se Deus pode realmente fazer tudo. Há muitas maneiras de ver a Deus que na realidade negam-Lhe por completo o poder de operar. Se, por exemplo, Deus não é mais que uma força cega, ou um simples nome que damos ao Universo em sua totalidade, ou se é tão-somente o nome que aplicamos a uma parte do Universo, ou um simples símbolo que expressa as aspirações mais elevadas da humanidade, então não se poderia dizer que opera mais que num sentido muito impreciso. Falando com precisão, somente as pessoas agem, e quando falamos de Deus como operando, fazemo-lo porque descartamos todas as concepções impessoais relacionadas a Ele e o consideramos, tal como a Bíblia faz, como pessoa.

Como Deus é pessoa, é livre. A liberdade é uma característica da personalidade. Uma máquina não é livre; a água que flui por um canal construído para dirigi-la não é livre; uma planta não é livre. Porém, a pessoa é livre para agir ou não, para agir de um modo ou de outro. Como Deus é uma pessoa também é livre. Na realidade, é livre num grau que nenhuma pessoa pode igualar.

Como Deus é pessoa, é livre. A liberdade é uma característica da personalidade. Uma máquina não é livre; a água que flui por um canal construído para dirigi-la não é livre; uma planta não é livre. Porém, a pessoa é livre para agir ou não, para agir de um modo ou de outro. Como Deus é uma pessoa também é livre. Na realidade, é livre num grau que nenhuma pessoa pode igualar.

Entretanto, quando dizemos que Deus é livre, é muito importante que entendamos exatamente o que queremos dizer e o que não queremos dizer.

Queremos dizer que Suas ações são muito incertas, de tal modo que é sempre impossível estar seguro de antemão se agirá ou não e de que forma o fará? Queremos dizer que Sua vontade é uma espécie de balança que se inclina em direção a um lado ou outro sem razão alguma? Queremos dizer que não existe nada a que Suas ações tenham que se conformar ou que as enlace em algum modo?

Creio que não precisa muita reflexão para chegarmos a nos convencer de que não podemos de modo algum querer dizer isto. Se tivéssemos querido dizê-lo, seríamos obrigados a afirmar que Deus poderia violar o pacto que fez com Seu povo ou fazer qualquer outra vileza semelhante. Porém, se há algo certo é que Deus nunca fará algo deste estilo. Parece-me que não é um erro afirmar que não pode fazer nada semelhante.

Por que não pode fazer esse tipo de ação? Seria porque há algo externo que O impede de fazê-la? Porque se a fizer alguém em algum lugar discutirá Seus atos? Certamente que não! Nada obriga a Deus; Ele é soberano absoluto; pode fazer o que quiser; nada pode dizer-Lhe: Que fazes?

Contudo, é absolutamente certo que, quando tem que decidir entre uma obra boa e uma má, Ele escolherá a boa e rejeitará a má. De fato, não há nada mais certo que isto. Nesta certeza se baseiam todas as demais certezas. É absolutamente impossível que Deus faça algo mau.

Por que é impossível? A resposta é fácil. É-Lhe impossível fazer algo mau porque seria contradizer Sua própria natureza. "*Deus é um Espírito infinito, eterno, imutável em seu Ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade*" (Breve Catecismo de Westminster, pergunta 4). Estes são Seus atributos; sem eles não seria Deus; estes atributos condicionam todas as Suas ações.

Ir Para Página Nº

Editonal 02
A Atitude de Calvino Diante da Predestinação .. 03
Doutrina da Eleição 04
Os Decretos Eternos de Deus 05
Eleição por Graça 09
Eleição Incondicional 16
Oração Arminiana e Oração Calvinista 19
A Soberania Divina 20
João Calvino e a Doutrina da Reprovação 22
Cofissão de Fé de Westminster 24
A Chamada 25
Predestinação Uma Visão Bíblica 28
Por que Deus Resolveu Salvar Alguns 31
O Movimento Carismático – 3 32

Nunca, nem na mais insignificante ação que realize, se apartará nem um milímetro dessa norma perfeita que a perfeição de Sua própria natureza estabelece.

Creio que isto é o que quis dizer um dos ministros quando afirmou, se recordo bem suas palavras, que Deus é o Ser mais "constrangido" que existe. Sua própria natureza O constrange. É infinito em Sua sabedoria, portanto, nunca pode fazer algo que não seja sábio. É infinito em Sua justiça; portanto, nunca pode fazer algo injusto. É infinito em Sua bondade; portanto, nunca pode fazer algo que não seja bom. É infinito em Sua verdade; portanto, é impossível que minta.

Também as ações do homem estão de certo modo definidas. Nascem de sua natureza.

Também as ações do homem estão de certo modo definidas. Nascem de sua natureza. A experiência não deixa de ensiná-los. Porém, a Bíblia ensina com a maior clareza. "*Não pode uma árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar frutos bons.*" O homem é livre para decidir no sentido de que não há nada externo que o force. Porém, seus atos não são livres, se por liberdade entendemos livre daquilo que seu próprio caráter determina.

Assim, ocorre também no caso do Ser Supremo, da Pessoa Suprema, Deus. Seus atos são livres no sentido de que nada exterior a Ele os determina. Porém, sim, os determina Sua própria natureza. Sempre serão santos, justos e bons, porque Ele é santo, justo e bom.

Na realidade, os atos de Deus dependem muito mais de Sua própria natureza que os homens das suas. As ações dos homens nascem de sua natureza. Sim, porém, a natureza do homem pode mudar; Deus pode mudá-la. Contudo, no caso de Deus esta possibilidade está excluída; Deus é infinito, eterno e imutável. Nunca, nunca, nunca, portanto – nunca, nem pela mais inverossímil das possibilidades, pode realizar uma ação que não seja santa, sábia, poderosa, justa, boa e verdadeira.

Seus atos, portanto, são mais livres do que das pessoas finitas porque nunca, nem direta nem indiretamente, nada exterior a Sua pessoa pode determiná-los, o qual, sim, é possível no caso das pessoas finitas; e estão mais diretamente determinados que os das pessoas finitas porque nunca, por nenhuma possibilidade, pode mudar-se a natureza da Pessoa de Deus.

Não há como pensar que Sua vontade esteve oscilando às cegas como numa espécie de vazio, sem relação nenhuma com Seu conhecimento e sabedoria infinitos.

Assim, pois, é muito importante que levemos em conta que a liberdade dos atos de Deus não quer dizer que pode existir alguma possibilidade de que não se harmonizem com a Sua natureza.

Porém, há outra coisa que é importante advertirmos quanto ao que significa os atos de Deus serem livres. Não quer dizer que Seus atos não tenham um propósito; não quer dizer que não dependam dos fins que Deus busca.

Também nisto encontramos uma analogia verdadeira entre a liberdade de Deus e a das pessoas finitas. Tomemos a criatura finita que melhor conhecemos – o homem. Que o homem seja livre quer dizer que ele age independente dos motivos? Quer dizer que quando um homem escolhe fazer alguma coisa em vez de outra, nada o determina? Bem, alguns, ao que parece, têm crido que é assim. Porém, não há dúvida de que estão equivocados. Não há dúvida de que as ações de uma pessoa, precisamente porque são livres, e não são desejos sem sentido ou fruto da sorte cega, estão determinadas por motivos. Quando alguém se encontra numa encruzilhada importante da vida, levanta os prós e contras, e logo a luz deste exame, das vantagens de uma decisão ou da outra, ele age. Esta atuação dos motivos em determinar a ação do homem é precisamente o que faz que tal atuação seja verdadeiramente pessoal e por isso a faz no verdadeiro sentido da palavra "livre".

Se, pois, a pessoa finita, o homem, em suas ações verdadeiramente pessoais, se vê determinado por motivos, algo semelhante é também verdade da Pessoa infinita de Deus. Deus também busca certos fins quando age. Não há como pensar que Sua vontade esteve oscilando às cegas como numa espécie de vazio, sem relação nenhuma com Seu conhecimento e sabedoria infinitos. Não, as decisões da vontade de Deus estão sempre – não às vezes, mas sempre – determinadas pelos fins que Seu conhecimento infinito e Sua sabedoria infinita colocam frente a Ele.

Negar esta idéia da vontade – isto é, a idéia de que as ações verdadeiramente pessoais não são as ações de uma vontade sem freio, mas as de uma vontade determinada por motivos ou fins – parece às vezes como se fosse benefício para a liberdade. Como pode ser uma pessoa verdadeiramente livre, dizem, se suas ações dependem de algo que não seja sua vontade no momento de tomar uma decisão? Como pode ser livre a pessoa se não pode operar sem levar em conta os fins que busca?

Umas breves reflexões nos mostrarão que o certo é precisamente o contrário. Se a escolha que um homem faz não depende dos fins que busca, mas tão-somente de flutuações sem sentido de sua vontade, então não depende mais que do azar, e o homem se converte no simples joguete de algo exterior a si mesmo.

Isto é sobretudo evidente no caso da Pessoa Suprema, Deus. Se as eleições de Deus não dependeram sempre dos fins santos que busca, se Sua vontade quisesse hoje uma coisa, amanhã outra sem relação com nada que não fosse Sua vontade mesma, visto como se fosse independente de Seu conhecimento e sabedoria, então Suas ações somente poderiam se considerar como

dependentes de um azar cego e sem sentido; e neste caso deixariam de ser ações verdadeiramente pessoais e Deus deixaria de ser Deus.

Não, quando pensamos na vontade devemos realmente basear-nos num determinismo sadio. A vontade do homem não é livre no sentido de que aja independente dos sentimentos e do entendimento. Na realidade, se considerarmos a vontade como algo separado do que está dentro do homem, que venha a si, que se deixa aconselhar por outras partes da sua natureza apesar de que também aja com completa independência quando assim o deseja – se vemos a vontade nesta forma, estamos muito, mas muito longe da realidade. Fazemos, na realidade, da vontade algo que chamamos uma pequena personalidade separada; rompemos a unidade da personalidade do homem. De fato, não existe isso que se chama vontade como algo isolado dos demais aspectos da pessoa. O que chamamos vontade é a pessoa toda enquanto toma decisões.

Tenhamos a segurança de que tudo o que Ele faz é com um propósito santo. Este propósito em detalhes está oculto no mistério da sabedoria divina.

Com relação à Pessoa infinita de Deus, em certos aspectos importantes não podemos falar da mesma forma com que o fazemos das pessoas finitas. Contudo, em Seu caso igualmente ao das pessoas finitas que Ele têm criado, é sempre certo que quando quer fazer algo, o quer fazer porque busca certos fins. Suas ações não são o movimento casual de algo dentro dEle que se pode chamar Sua vontade, mas que são ações da unidade soberana de Seu Ser e estão determinadas por fins elevados e santos.

Não quero dizer que quando Deus quer fazer algo, nós possamos sempre ver qual é o fim que busca. Antes, ao contrário, em inúmeros casos, somente podemos descobrir que é Sua vontade e isto deveria bastar-nos. Tenhamos a segurança de que tudo o que Ele faz é com um propósito santo. Este propósito em detalhes está oculto no mistério da sabedoria divina. Negar-se a se inclinar ante a vontade de Deus somente por ignorar o propósito que O guia é o cúmulo da impiedade. É o pecado dos pecados; e comparar nossa ignorância com a sabedoria e conhecimento infinitos de Deus é rebelião, orgulho e loucura. Que Deus nos livre de pecado semelhante!

Negar-se a se inclinar ante a vontade de Deus somente por ignorar o propósito que O guia é o cúmulo da impiedade. É o pecado dos pecados;

Contudo, se bem que não tenhamos direito de conhecer quais são os propósitos de Deus, Ele em Sua maravilhosa bondade tem querido vez por outra levantar o véu que oculta seus planos a nós outros. Com que reverência deveríamos contemplar os mistérios que nos revela atrás do véu! Com que reverência deveríamos apegar-nos ao Livro Santo em que se nos revelam tais mistérios!

Temos falado do propósito de Deus. Os teólogos os chamam Seus decretos.

São muitos estes decretos! Um número infinito – estaríamos tentados a afirmar quantas são as manifestações da bondade de Deus em nós mesmos! E quando pensamos na vastidão do Universo e no infinito, não podemos dizer nada menos que os decretos de Deus não se podem de modo algum contar.

Essa afirmação contém uma grande verdade; e, contudo, quando consideramos este assunto, algo além e com mais profundidade, em um sentido igualmente verdadeiro podemos dizer que os propósitos de Deus, por infinito que nos pareça seu número, não são mais que um único propósito, não são mais que partes ou aspectos de um grande plano.

Isto é o que o Catecismo Menor quer dizer quando afirma que os decretos de Deus são "Seu propósito eterno". Não é por acaso que se emprega a palavra "propósito" no singular. Os inúmeros decretos se constituem em um único propósito ou plano. Não são independentes um do outro, mas formam uma unidade íntima igual, como Deus é um.

Vejam que o Catecismo Menor fala desse propósito como de um propósito eterno. "*Os decretos de Deus*", diz, "*são Seu propósito eterno*". O que quer dizer com isto? Bem, quer dizer algo que pertence à mesma entranha daquilo que a Bíblia ensina.

A Bíblia fala minuciosamente dos decretos de Deus como se sucedendo um após o outro em ordem temporal. Na realidade, a Bíblia às vezes emprega expressões audazes quando fala deste assunto. Inclusive fala de Deus que se arrepende do que tem feito. Por exemplo, diz que "*se arrependeu o Senhor de haver feito o homem*" – Gênesis 6:6; e que "*o Senhor se arrependeu de haver constituído Saul rei sobre Israel*" – 1 Samuel 15: 35. Estas passagens podem parecer ao leitor superficiais, se tomá-las isoladas, como que querendo dizer que Deus decreta muitas coisas em momentos diferentes e que os decretos são muito diferentes uns dos outros.

Porém, esta interpretação seria muito superficial. Quando examinamos estas passagens e outras semelhantes vemos com clareza o que quer dizer a Bíblia. Quando fala de Deus que se arrepende de algo que fez, considera a coisa do ponto de vista dos homens que vivem nesta terra em uma seqüência temporal. Deus, ora faz uma coisa e depois outra. Fez ao homem, e logo, quando o homem pecou, o destruiu, à exceção dos que deixou com vida. Fez rei a Saul, e logo lhe tirou a realeza. Visto desta perspectiva da execução dos decretos de Deus, é como se os decretos ou propósitos de Deus houvessem mudado; e a Bíblia assim o expressa com linguagem simples tomada da vida ordinária dos ho-

mens. Porém, é igualmente claro que a Bíblia não quer indicar que esta forma de falar deva ser tomada ao pé da letra como se quisesse dizer que Deus se surpreendera da mesma forma em que se surpreende um homem, ou como se quisesse dizer que os planos de Deus variam como variam os do homem para adaptarem-se às circunstâncias sobre as quais não tem controle.

É possível que se objete: Lá vêm vocês com essa de novo, pobres crentes na inspiração da Bíblia. Quando encontram nela algo que lhes satisfaz, insistem em aceitá-lo na forma mais angustiosamente literal; porém, quando encontram algo que não lhes vá tão bem, evitam-no, como neste caso, dizendo que a Bíblia fala em linguagem metafórica.

"...tomo em sentido literal o que a Bíblia mostra em forma literal e em sentido metafórico o que mostra em forma metafórica".

Esta é a objeção. Mas, saibam, amigos meus, que isso não me faz mal. Creio que tenho uma resposta muito boa para a mesma. "Sim", diria ao que objeta, "sim, tomo algumas coisas da Bíblia em sentido literal e outras em metáforas. Porém, tenho motivos para isso. Tenho uma forma perfeitamente aceitável de decidir o que tomo em sentido metafórico e o que em sentido literal. Não é que tome no literal o que me agrada e no metafórico o que não; mas que tomo em sentido literal o que a Bíblia mostra em forma literal e em sentido metafórico o que mostra em forma metafórica".

Sustento que a Bíblia é essencialmente um livro fácil. Para lê-lo, o sentido ordinário é uma ajuda maravilhosa. Não olvido que a iluminação do entendimento que o Espírito Santo comunica em um novo nascimento é necessária para que o homem pecador possa realmente compreender a mensagem central da Bíblia; porém, às vezes, sinto a tentação de dizer que um dos efeitos mais óbvios do novo nascimento seria a renovação do sentido ordinário na compreensão das afirmações perfeitamente simples da Sagrada Escritura. Por isso opino que se alguém realmente lê com sentido comum e boa vontade essas afirmações da Bíblia nas quais se diz que Deus se arrependeu do que fez e coisas parecidas, não experimentará dificuldade nenhuma em ver que não terá que ser interpretar estas passagens de modo algum em sentido literal e que a interpretação literal dos mesmos é uma manifestação gravíssima de incompreensão e mal gosto.

Essa linguagem antropomórfica – se me permitem empregar uma palavra tão longa – proclama uma verdade importante. Ensina-nos que Deus nos trata como nos trataria uma outra pessoa. Segue nossas ações e circunstâncias variantes de nossas vidas, e Suas ações levam em conta o valor em nossas ações e circunstâncias. A Bíblia o proclama com o emprego da linguagem a qual temos falado.

Porém, a Bíblia também nos ensina de forma bem clara que quando contemplamos a parte central deste assunto devemos ver que o propósito de Deus, que se cumpre em seu trato infinitamente variado com o gênero humano e com o universo em sucessão temporal, se encontra completamente fora de qualquer seqüência temporal. Para Deus não tem nem antes nem depois. Ele criou o tempo, na realidade, quando criou os seres finitos e o tempo, assim como o resto do Universo que Deus criou, não é uma simples aparência, mas existe realmente. Porém, para Deus todas as coisas são eternamente presentes.

Por isso, o Catecismo Menor tem razão quando diz que os decretos de Deus são seu propósito eterno. Parece-me que este pensamento penetra toda a Bíblia. Não fica em nada turvo devido às linguagens simples e antropomórfica que acabamos de falar. Às vezes, aparece com toda clareza, como quando a Bíblia diz no capítulo primeiro de Efésios que Deus nos escolheu em Cristo antes da criação do mundo. Porém, o que se deve destacar de todo é que a doutrina do propósito eterno de Deus é o fundamento sobre o qual se baseia todo o ensinamento da Bíblia. Na origem de todos os acontecimentos da história humana, na origem de todos as variações que têm lugar na vastidão incomensurável do Universo, na origem do espaço mesmo e do tempo, está o propósito misterioso e único dAquele para quem não há antes nem depois, aqui nem ali, para quem todas as coisas estão presentes e diante de quem tudo está desnudo e manifesto: o Deus vivo e Santo.

J. Gresham Machen foi um destacado professor de Novo Testamento e fundador do Seminário de Westminster na Filadélfia (USA)

* O Catecismo Menor foi preparado pelos teólogos da Assembléia de Westminster no ano de 1648 para o ensino da religião na Escócia, Inglaterra e Irlanda.

> "Deus "previu" que Tiro, Sidom e Gomorra creriam, e se arrependeriam, se nessas cidades ocorressem os sinais que Jesus operou em Cafarnaum e Betsaida. Porém, Ele não as salvou. Portanto a previsão não é a base da predestinação. (Mt.11:20)"

Eleição Por Graça

Por: Roger L. Smalling

Um conto:

"Em uma cidade remota, vivia um homem de raros dons. Era um famoso escultor e praticava também as artes marciais. É preciso mencionar que tanto em uma como em outra era um verdadeiro mestre.

Lamentavelmente vários de seus amigos não o entendiam. Alguns criam que para ser escultor era necessário um caráter doce e manso. O resto pensava que um praticante de caratê devia ser um homem duro, violento e de quem todos tivessem medo.

Convidou, então, a todos os seus amigos. Queria que observassem suas habilidades.

Antes que os amigos chegassem à reunião, o homem tomou uma massa de barro e a dividiu em duas partes. Com o primeiro pedaço moldou uma formosa escultura. Tratava-se de um conjunto de pessoas, animais e flores num grande bosque. Pintou a obra de arte e a endureceu no forno. Com o outro pedaço de barro construiu um bloco sem forma e também o cozeu.

Os amigos chegaram no dia marcado e ele decidiu retirar primeiro a escultura.

– Que sensível e doce és! Tua obra é mui fina! Exclamaram maravilhados os presentes.

Respondeu o mestre:

– Obrigado pelo elogio! Porém, na realidade não somente me dedico à escultura.

A resposta do artista deixou muitos de seus amigos perplexos. Dirigiu-se a seu ateliê e trouxe até o lugar onde as pessoas estavam reunidas, o grande pedaço de barro cozido.

– Existem outras artes que não requerem sensibilidade, disse com voz grave.

Depois de alguns segundos, lançou um grito e com sua mão estendida rompeu de um só golpe todo o bloco solidificado.

Aqueles que assistiram, se deram conta do que o mestre lhes comunicava. A verdade é que ele era sensível e doce, porém, também era forte. Era melhor ser seu amigo."

Jeová é como este artista. Alguns o vêem como um Pai amoroso que não faria dano a ninguém; outros o percebem como um Deus que estabelece justiça, castiga e repreende. No entanto, nenhum dos grupos pensa corretamente. O apóstolo Paulo tinha a idéia correta de Deus: "*Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus*" (Rm 11:22). No conto mencionado, o barro moldado representa os eleitos e o bloco sem forma os reprovados.

Se bem que a misericórdia de Deus não poderia manifestar-se sem a existência de pecadores, tão pouco o justo juízo de Deus poderia igualmente se evidenciar sem a existência de condenados.

Se bem que a misericórdia de Deus não poderia manifestar-se sem a existência de pecadores, tão pouco o justo juízo de Deus poderia igualmente se evidenciar sem a existência de condenados. Devemos amar e temer a nosso Deus. A misericórdia e a justiça divinas se completam; não se contradizem e dependem uma da outra. São como os dois lados de uma mesma moeda; a moeda se chama "predestinação" e os dois lados, "eleição" e "reprovação".

Ir Para Página Nº

Editorial	02
A Atitude de Calvino Diante da Predestinação	03
Doutrina da Eleição	04
Os Decretos Eternos de Deus	05
Eleição por Graça	09
Eleição Incondicional	16
Oração Arminiana e Oração Calvinista	19
A Soberania Divina	20
João Calvino e a Doutrina da Reprovação	22
Cofissão de Fé de Westminster	24
A Chamada	25
Predestinação Uma Visão Bíblica	28
Por que Deus Resolveu Salvar Alguns	31
O Movimento Carismático – 3	32

A CONTROVÉRSIA DA ELEIÇÃO

Se um dia o leitor desejar uma viva disputa entre cristãos, permita-me oferecer-lhe uma sugestão: Pronuncie uma só palavra: PREDESTINAÇÃO!

Para alguns esta palavra é um tesouro consolador que lhes ajuda a entender melhor a graça de Deus. Para outros é a pior das calúnias contra o caráter justo de Deus.

A controvérsia que existe quanto à Predestinação não se encontra na falta de evidências bíblicas. É inevitável que seja controversa qualquer coisa que desafie a independência humana, seu orgulho e a supremacia da sua vontade.

Muitos eruditos em teologia bíblica têm observado que:

"As dificuldades que sentimos com respeito à Predestinação não são derivadas da Palavra. A Palavra está cheia dela, porque está cheia de Deus. E quando dizemos: 'Deus', temos dito Predestinação."[1]

Na realidade, a Predestinação é quatro vezes mais fácil de ser comprovada do que a divindade de Jesus. No Novo Testamento há mais ou menos dez versículos que expressam diretamente a Deidade de Jesus. Porém, mais de quarenta expressam a Predestinação.

No entanto, os mesmos cristãos dispostos a defender até a morte a Deidade de Jesus, lutarão com igual fúria para refutar a doutrina da Predestinação. Por quê? Como expressou o erudito evangélico, J.I. Packer, "...a mente carnal do homem, incluída entre os salvos, não suporta abandonar a ilusão de que ela mesma é capitã de seu próprio destino e dona de sua própria alma".

DEFINIÇÃO DA PALAVRA

"Predestinação" quer dizer "destinado antes". Refere-se ao concerto divino das circunstâncias do fato de cumprir com Seus decretos feitos antes da fundação do mundo.

A Eleição se refere ao decreto divino de criar, dentre a humanidade condenada, certos indivíduos para serem beneficiários do Dom gratuito da salvação. Deus fez isto sem referência aos méritos, ao estado da vontade, ou a fé prevista dos eleitos. Deus não fez arbitrariamente, mas baseado na Sua graça.

Se um dia o leitor desejar uma viva disputa entre cristãos, permita-me oferecer-lhe uma sugestão: Pronuncie uma só palavra: PREDESTINAÇÃO!

A Reprovação tem tudo a ver com o decreto divino mediante o qual Deus deixa uma parte da humanidade pecadora seguir seu caminho até a condenação eterna, servindo desta maneira de objeto da ira de Deus.

Deus não os obriga a pecar. Tão pouco é o autor do pecado deles. Simplesmente os deixa continuar seu caminho como castigo por seus pecados.

Mesmo que os conceitos de predestinação e eleição sejam semelhantes, não são exatamente iguais. A eleição encerra a decisão divina de salvar a alguns; em troca, a predestinação se refere ao poder de Deus para arranjar as circunstâncias a fim de cumprir Seus decretos.

Eis aqui uma ilustração:

Suponhamos que desejemos que um cavalo corra em círculos perfeitos. Primeiro, escolheríamos o cavalo (Isto é a eleição). Logo, construiríamos um curral circular para que ele aprenda a correr em círculos (Isto é a Predestinação). O curral representa as circunstâncias da vida em que pomos o cavalo e é exatamente como Deus arruma as circunstâncias de nossas vidas para assegurar que cumpramos com Seu decreto desde a eternidade.

IMPORTÂNCIA DA DOUTRINA DA ELEIÇÃO

A Eleição é como uma luz que ilumina o significado da palavra "GRAÇA". Sem ela, a graça é entendida como a recompensa por alguma atividade ou disposição humana e não como a **causa** desta disposição.

Se a definição correta da palavra "graça" é "um favor imerecido", então, a graça tem que ser independente de qualquer atividade humana. No momento em que aceitamos este conceito, entendemos porque a graça e a eleição são inseparáveis. Não é lógico proclamar a doutrina da salvação pela graça enquanto negamos que a Eleição o seja. Paulo expressou esta unidade com estas palavras: *"Assim, pois, também agora, no tempo de hoje, sobrevive um remanescente segundo a eleição da graça"* (Rm 11:5).

AS EVIDÊNCIAS BÍBLICAS

A) Provas Paradoxais

Há dois argumentos que se apresentam para tentar refutar a doutrina da Eleição: o conceito da **justiça** e o conceito da **presciência**. No entanto, estes se convertem nas evidências mais fortes para comprovar a certeza da predestinação. São as chamadas "provas paradoxais".

1. Argumento da justiça.

Os que são contra a Predestinação dizem: "A Predestinação não pode ser verdade porque Deus seria injusto em escolher uns e não outros. E se a vontade de Deus é irresistível como pode Ele fazer-se responsável pelo pecado?"

Paulo antecipou esta objeção em Romanos 9:14-16:

"Que diremos pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum! Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão. Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia."

Notemos que no texto anterior Paulo não se desculpa de nenhuma maneira ante a objeção. Tão pouco

a contesta. Porém, afirma outra vez o direito de Deus ter ou não misericórdia, segundo Seu critério. Também destaca que a Eleição não depende nem da vontade humana, nem de seus esforços: "*...não depende de quem quer ou de quem corre...*" (v. 16).

Paulo antecipa aqui uma objeção baseada no livre-arbítrio neutro. Curiosamente, esta antecipação indica que a predestinação soberana é precisamente o que está afirmado. Sua resposta, portanto, soa mais como uma crítica.

"*Tu, porém, me dirás: De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade? Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?*"

"O homem não é convertido porque deseja, mas só deseja porque é ordenado pela eleição."

Dizer que a Eleição é injusta, é discutir com Deus. Paulo entendeu a impossibilidade de satisfazer o orgulho dos que se crêem capazes de encarregar-se de seu próprio destino e Paulo se contenta em reprová-los com "*Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?*".

Existe também outra resposta lógica para contestar a objeção anterior. Todos merecemos a condenação. Se Deus nos condenasse a todos, não haveria injustiça para com ninguém. Por que culpar a Deus de injustiça por salvar a alguns? Vários recebem de Deus misericórdia. Outros recebem justiça. Ninguém recebe injustiça da parte de Deus.

Deus se reserva para Si mesmo o direito de fazer com Sua criação o que bem Lhe parece. Deus não se sujeita a outro critério que não Sua própria vontade. Suas ações não são susceptíveis às avaliações humanas. A única maneira correta de responder à questão da Predestinação é agradecer a Deus, fechar a boca e descansar.

2. Argumento da Presciência.

Segundo este ponto de vista, Deus escolheu uns porque via de antemão quem seriam as pessoas que iam obedecer e crer. Os que sustentam este ponto de vista se baseiam em dois versículos:

"*...eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito para a* ***obediência***..." (I Pe 1:2).

"*Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho...*" (Rm 8:29).

Estes versículos poderiam defender, numa primeira análise, a posição oposta à predestinação, porém contrariamente a defende. É necessária uma pergunta para resgatar o sentido real dos textos bíblicos: O que Deus previu nos homens?

1. Não pode ser a fé porque ela se baseia na predestinação: "*...e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna*" (Atos 13:48). A fé é, além disso, fruto da graça de Deus: "*...aqueles que mediante a graça haviam crido*" (Atos 18:27). Sobre isto comenta Agostinho:

"O homem não é convertido porque deseja, mas só deseja porque é ordenado pela eleição."[2]

2. Não podem ser as boas obras. Em Efésios 2:10 lemos que as boas obras foram predestinadas do mesmo modo que as pessoas que as executam. As boas obras se baseiam na fé e a fé na predestinação.

3. Não pode ser a boa vontade porque a vontade do pecador não é boa: "*Não há quem entenda. Não há quem busque a Deus*" (Rm 3:11).

Em vista da depravação e rebelião do homem, não existe nenhuma qualidade boa no pecador para ser prevista. A palavra "presciência" significa o mesmo que "pré-ordenação". Isto é, Deus sabia de antemão a quem havia escolhido para planejar as circunstâncias de suas vidas, a fim de confirmá-los à imagem de Seu Filho.

Que significa a palavra "presciência" nos versículos citados?

A palavra grega traduzida "presciência" é *prognosko*, e significa também "pré-ordenado". Nos versículos citados, a obediência é mencionada como *resultado* da presciência e não a *causa* dela. Disse Pedro: "*...para obediência*" e não "*...por obediência*". Paulo também expressa em Romanos 8:29 "*para serem*" e não "*porque viu que eram*". Estes dois versículos, então, servem como apoio à Predestinação em lugar de refutá-la.

É interessante que em I Pedro 1, o apóstolo usa esta mesma palavra *prognosko* relacionado com a vinda de Jesus e se traduz como "*conhecido... antes*", v. 20: "*...**conhecido** com efeito, **antes** da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos...*". Seria absurdo dizer que Deus o Pai simplesmente "previu" que Jesus viria. Da mesma forma se vê em Atos 2.23: "*...sendo este entregue pelo determinado desígnio e **presciência** de Deus...*" É a mesma palavra encontrada em I Pe 1:2 – *prognosko*.

Fica claro que a palavra "presciência" significa "pré-ordenação" quando se usa no sentido da atividade divina. Essa palavra apóia, e não refuta a Predestinação.

É interessante que nas Escrituras não existe nenhuma concordância entre eleição e o conhecimento prévio que Deus tem da reação da pessoa.

Por exemplo, Jesus disse: "*Ai de ti Corazin! Ai de ti Betsaida! Porque se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza*" (Mt 11:21).

Se Deus previu que aquele povo podia se arrepender, por que não enviou um profeta para pregar-lhes? Simplesmente porque não eram escolhidos.

Deus escolheu a Israel como povo Seu, embora conhecesse muito antes sua rebeldia: "*Todo dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente*" (Rm 10:21). Deus escolheu Israel apesar de sua previs-

ta reação negativa: *"Deus não rejeitou o seu povo a quem de antemão conheceu"* (Rm 11:2).

Deus escolhe a Ezequiel e o envia aos judeus, embora lhe diga que eles rejeitarão Sua mensagem (Ez 3:6-7). Por que atua desta maneira? Porque os judeus dessa época foram escolhidos como povo nacional de Deus, não tendo como base suas reações ou atitudes, mas com base na vontade divina.

Em I Co 2:7-10, Paulo assegura que Deus tem predestinado para nós uma sabedoria especial, porém oculta para os príncipes deste mundo. Deus sabia que se o houvesse revelado aos príncipes da época de Cristo, não haveriam crucificado a Seu Filho. Por que, então, Deus não revelou Sua verdade aos poderosos? Simplesmente porque tinha essa sabedoria predestinada para nós e não para aqueles.

Deus não fundamenta Suas decisões na reação prevista do homem porque ninguém busca a Deus. Em Rm 10:20 lemos: *"Fui achado pelos que não me procuravam; revelei-me aos que não perguntavam por mim"*.

Inclusive a lógica nos ajuda a entender porque a presciência não explica a eleição. Todos sabemos que Deus é Todo Poderoso e Onisciente. É óbvio, pois, que qualquer coisa que Deus vê de antemão é também predestinada. Se Deus é Todo Poderoso, pode impedir que aconteça qualquer coisa que contrarie Sua vontade soberana.

Exemplo: Suponhamos que Deus prevê que Sr. Fulano de Tal nasceria em circunstâncias que o provocariam rejeitar a Cristo. Se Deus quisesse que fosse salvo, poderia trocar essas circunstâncias de modo que tivesse outra influência. Não se pode escapar desta conclusão. Se Deus não troca essas circunstâncias, é porque o Sr. Fulano não é um eleito. Assim, a única maneira de usar a objeção baseada na presciência, é negar que Deus seja Todo Poderoso.

B) As Três Ilustrações de Romanos 9

Romanos, capítulo nove, contém as evidências mais dinâmicas sobre eleição porque está dedicado exclusivamente a este tema. Por isso o veremos cuidadosamente.

Paulo expõe suas razões por meio de três exemplos gráficos: (**1**) Jacó, Esaú, (**2**) Faraó e o (**3**) Oleiro.

1. Primeira Ilustração: Jacó e Esaú, v. 6-13.

Paulo insiste em dois conceitos: a eleição nacional e a eleição pessoal. Utiliza a primeira para explicar a segunda. É importante deixar claro que Paulo não se refere unicamente a eleição nacional. Os versos 6 a 8 evidenciam que o apóstolo centraliza sua mensagem na eleição individual:

"...nem todos os de Israel são de fato israelitas; nem por serem descendência de Abraão são todos seus filhos, mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa."

Destaca-se o mesmo no v. 27 por haver uma distinção entre judeus salvos e judeus perdidos:

"Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo."

No versículo 11 do capítulo 9 de Romanos, Paulo toma como ilustração uma história do Antigo Testamento para explicar a eleição divina:

"E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama)..."

Jacó e Esaú eram gêmeos. No entanto, antes que nascessem, Deus já havia escolhido a Jacó em lugar de Esaú, sem levar em consideração as características previstas neles.

Se Deus houvesse escolhido a Jacó, porque viu de antemão que tinha um coração sensível às coisas espirituais, o versículo deveria dizer: "...(*para que o propósito de Deus quanto à eleição prevalecesse, segundo* ***um bom coração*** *e não segundo aquele que chama*)..." Está claro que a base da eleição não foi nenhuma qualidade prevista em Jacó, pois seria meritória.

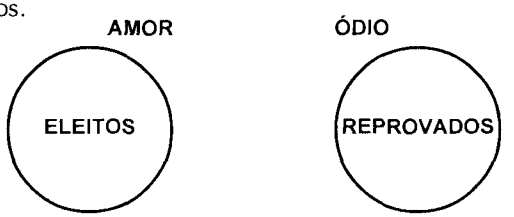
No versículo 11 Paulo ressalta o vínculo entre o amor divino e a Eleição:

"Amei a Jacó, porém me aborreci de Esaú" (v.11).

Deus ama por livre eleição, não por mérito algum dos que foram eleitos. Seu amor é uma força poderosa e pessoal que O faz buscar, salvar e preservar aos eleitos. É o Pastor que busca a ovelha perdida. Seu amor é ativo, não passivo; pessoal e não geral; voluntário e não forçado.

Jacó e Esaú são símbolos dos eleitos e dos reprovados. Ele ama aos eleitos, porém aborrece os reprovados.

Esta interpretação representa um dos três pontos de vista básicos com respeito ao tema delicado e complexo do amor de Deus. Estes três tratam algumas perguntas-chave: A quem Deus ama? Que distinções existem relativas às diferentes classes de indivíduos? Estas duas perguntas podem ser resumidas em dois elementos: extensão do amor, e tipo de amor. Os três pontos de vista se desenvolvem como base a estes dois elementos.



Deus ama a todos igualmente? Ama tanto a Adolf Hitler no inferno como o apóstolo João no céu? Ama a Faraó tanto quanto a Moisés? É o amor de Deus tanto universal como equivalente?

A existência de textos como Romanos 9:13 faz este conceito problemático. Inclusive se aceitamos a universalidade do amor Divino, é claro que não é equivalente. Não existem formas de tomar a frase "Amei a

Jacó, porém me aborreci de Esaú" e interpretá-la como Deus amou a Esaú tanto quanto a Jacó. Mesmo que a palavra "aborreci" significasse um amor inferior (como alguns têm dito), isto não alivia a distinção. Pior, o profeta Malaquias indicou que o aborrecimento divino para com Esaú resultou em uma aniquilação total de sua descendência. É um pouco difícil imaginar a aniquilação total como uma expressão de amor.

Mesmo o versículo famoso de João 3:16 ("*Amou o mundo de tal maneira...*") não apóia o ponto de vista universalista. Inclusive se fosse possível mostrar que a palavra ambígua "mundo" significasse "todo ser humano", nada indica que o amor de Deus é equivalente para todos.

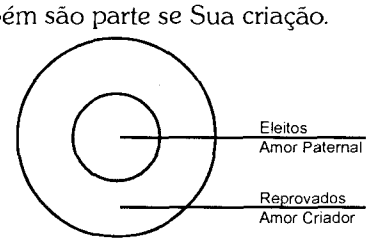
De igual forma, nós podemos verificar por meio de uma concordância que a Bíblia NUNCA fala do amor de Deus, exceto em referência ao povo de Deus. Tão pouco se pode evitar os textos que indicam um amor particular para os eleitos. ("*Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados...*" — Cl 312; "*...reconhecendo, irmãos, amados de Deus, a vossa eleição*" —I Ts 1:4).

Uma mulher veio uma vez se encontrar com Charles Spurgeon e disse-lhe que esta afirmação a molestava: "*porém me aborreci de Esaú*", porque pensava que Deus amava a todos igualmente. A resposta de Spurgeon foi esta: "Isso não é o que me molesta, minha senhora. O que me molesta é como podia Deus amar a Jacó" ...pois Jacó não o merecia.

É muito valioso proclamar o amor de Deus como um dos Seus atributos principais, enquanto está em consonância com a Sua santidade e o Senhorio de Cristo. De outra sorte, tal proclamação pode produzir na mente do ouvinte um conceito de Deus como um grande "vovô" celestial que nunca faria nenhum mal a ninguém; que tem um amor passivo e frustrado; amando a todos em geral sem amar a ninguém em particular; um Deus impotente e frustrado que espera em vão que o homem responda aos Seus rogos. Tal conceito agrada bem ao homem moderno porque não representa nenhum perigo. Não é sem razão que vivemos em uma geração que não teme a Deus.

No Novo Testamento, os apóstolos pregaram o arrependimento a Deus e a fé no Senhor Jesus Cristo, porém reservaram a mensagem do amor principalmente para os crentes. Alguns textos sobre este ponto são: Sl 5:5 e 11:28; II Ts 2:13; Hebreus 12:5-6; Tiago 2:5.

Um terceiro ponto de vista argumenta que Deus ama o mundo inteiro em Sua capacidade de Criador, porém a Seus filhos em Sua capacidade como Pai. Seu amor como Criador se estende a todos porque Seus filhos também são parte se Sua criação.



Este conceito se baseia principalmente em que Deus tem certas bênçãos para todos indistintamente. Estas bênçãos incluem a preservação da raça (I Tm 4:10), chuva e sol para todos (Mt 5:45), e provisão de habitação para vários povos (Atos 17:26). Em teologia, chamamos estas bênçãos de "graça comum", para distingui-las da "graça especial", isto é, a salvação.

Estas bênçãos comuns, comparadas com o amor particular divino para com os eleitos, têm levado alguns teólogos a criar esta distinção no amor de Deus.

Que consolo profundo para os eleitos o conhecer que Deus os ama com um amor especial e eterno! Um autor Cristão se expressa assim:

"Nenhum cristão verdadeiro duvida que Deus o ama. Porém, a quantidade de amor que ele sente estará principalmente determinada por seu conceito de como e quando lhe chegou o amor de Deus. Se ele sente que a decisão divina foi condicional, dependente da sua aceitação a Deus, então ele pode imaginar que o amor de Deus também é condicional. O amor significará que é o resultado de um contrato oferecido por Deus: "Eu te amarei primeiro", diz Deus, "e se me amas a mim também, então te amarei mais ainda".

"Porém, se ele crê que Deus o tem amado com amor eterno, e, portanto, o tem escolhido e o tem chamado, o sentido do amor é mais profundo. Porque teremos um amor que já floresceu antes que tomasse lugar a reconciliação. Temos amor que não foi dependente de um "acordo". Temos um amor idôneo, incondicional e irresistível. É inexaurível em suas dimensões".[3]

Voltando ao tema principal, precisemos sobre Romanos 9:16: "*Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia*".

Este versículo talvez seja o mais importante em todo o capítulo. Com a expressão "*Assim, pois...*", Paulo introduz uma conclusão devastadora. A eleição não tem nenhuma base na vontade humana. O versículo põe em vão todo intento de argumentar em favor do poder da vontade humana como base da eleição. No entanto, Paulo nunca nega a existência da vontade hu-

> "Deus determinou os fins e os meios. O crente é exortado a vigiar, sempre alerta. É errônea a idéia de que o crente "eleito" pode fazer o que bem entender porque está salvo. Pensar assim é colher conseqüências dolorosas, até que se corrijam as perspectivas erradas. Est. 4:14; Ef.1:11; 2:10; Fp.1:6; 2:12-13; I Pe.1:10"

mana, nem comenta sobre suas habilidades. Ele passa por alto a questão, e indica que a vontade humana não tem nada a ver com o assunto. Para Paulo, tal discussão seria como disputar sobre a qualidade do alicerce colocado para uma casa embora a casa nunca seja construída sobre este fundamento.

2. Segunda Ilustração: Faraó v. 17-18.

Paulo apresenta aqui a difícil doutrina da Reprovação, segundo a qual Deus tem passado por alto por alguns no Seu decreto da Eleição. Se Deus elege a alguns para a salvação, é evidente que existem outros que não são escolhidos.

Conquanto a Eleição e a Reprovação sejam as duas faces da Predestinação, não funcionam igualmente. Na Eleição, Deus troca a mente para dispô-la a aceitar a salvação em Cristo. Na Reprovação, Deus não necessita atuar no homem, porque este já está disposto a pecar sem nenhuma ajuda. No livro de Êxodo, alguns versículos dizem que Deus endureceu o coração de Faraó; outros, que Faraó endureceu seu próprio coração. Qual das duas afirmações está correta? As duas. Deus endurece o coração do Reprovado ao confrontá-lo com a verdade e Faraó reagiu de acordo com a sua natureza pecaminosa endurecendo seu próprio coração. Deus não faz nenhuma injustiça aos Reprovados. Ele faz com que tenham o que mais desejam: o pecado. Eles desejam que Deus Se afaste e não os moleste. É um aparente paradoxo que alguns recebam de Deus o que mais desejam e o lamentarão por toda a eternidade. Outros recebem de Deus o que menos desejavam (até que Deus lhes dá novos desejos), e serão agradecidos para sempre. Não é uma injustiça, é uma justiça poética.

Lembramos que cada um de nós merecia o mesmo destino de Faraó. Antes de nos aproximarmos de Cristo todos tínhamos um coração duro. A diferença está na misericórdia de Deus e não na superioridade dos eleitos —"*Logo, tem ele misericórdia de quem quer, e também endurece a quem lhe apraz*" (v.18).

Porém, a fé salvadora é em si mesma uma obra da graça de Deus baseada na predestinação (Atos 13:48) e é também uma bênção espiritual.

3. Terceira Ilustração: O Oleiro, v. 19-22.

Os que são contra a doutrina da Predestinação crêem que a ilustração de Paulo não pode ser aplicada à situação humana. Pensam que o homem tem vontade e pensamento, características superiores às que possui um simples vaso de barro.

No entanto, Paulo não nega que os homens tenham vontade; simplesmente rejeita a idéia de que a vontade humana seja a base da eleição.

Deus, o oleiro, "prepara" vasos para desonra (os Reprovados), como uma demonstração do justo juízo de Deus; e vasos para honra (Eleitos), para expressar a glória de Sua graça.

Os contrastes são óbvios. O amor e a misericórdia de Deus para com os Eleitos são eternos. Sua ira para com os Reprovados também. Estes dois grupos estão nos extremos da eternidade e nunca se reconciliam. Todo ser humano é um destes dois vasos.

Uma vez que o orgulho humano é derrotado, a verdade triunfa: Nós existimos para Deus (para Sua glória) e não Ele para nós.

C. Efésios Um: Causas e Efeitos, v. 3-11.

Todas as bênçãos espirituais que nos chegam têm sua causa em que Deus nos escolheu antes da fundação do mundo. Assim, a Eleição é a causa, e as bênçãos espirituais são o efeito. Uma destas bênçãos é a santidade. "*...para que fôssemos santos e irrepreensíveis perante ele...*" (v.4). Paulo não nos deixa ao luxo de por ao contrário a ordem das coisas e imaginar que a santidade prevista em nós é a causa de nossa Eleição. Se fosse assim, teríamos que dizer que Deus nos pôs em Cristo porque viu que éramos santos, e não porque viu que éramos pecadores. Teríamos assim um Evangelho de Eleição por méritos e não por graça.

Quais são estes benefícios, segundo o contexto? Santidade (v. 4); Amor a Deus (v. 5); Adoção (v. 5); Aceitação completa (v. 6); Redenção pelo sangue (v. 7); Sabedoria e Inteligência Espiritual (v.8); Conhecimento da vontade de Deus (v. 9); Herança no céu (v. 11); Selados com o Espírito Santo (v. 13).

Vários são os argumentos que tentam refutar a clara explicação de Paulo:

O primeiro argumento diz: A Eleição mencionada aqui se refere ao plano divino de incluir os gentios na oferta da salvação, e não a eleição de indivíduos específicos. O problema com tal interpretação é que Paulo não era gentio. Era judeu. Porém persistiu em usar "nós" e "nos" e o plural de verbos como "feitos herança" e "dando-nos". Ele se inclui a si mesmo no "plano" da predestinação. Mas, no v. 13 ele diz "*tendo nele crido, fostes...*". Isso mostra que não estava pensando nos gentios especificamente até o v. 13. Entre os versículos 1-12, estava pensando nos crentes em geral, não nos gentios somente.

O segundo argumento assegura que as frases "*em Cristo*" e "*escolheu nele*" quer dizer que Deus sabia que estaríamos em Cristo e que com base nEle fomos escolhidos.

Porém, a fé salvadora é em si mesma uma obra da graça de Deus baseada na predestinação (Atos 13:48) e é também uma bênção espiritual. Logicamente, a frase "*em Cristo*" tem que ser um resultado da eleição e não a causa dela. Se fosse de outro modo, o texto deveria ler-se: "*...escolhidos POR SER em Cristo*" e não "*escolhidos em Cristo*".

A ordem correta que estabelece Efésios cap.1 é: A Vontade de Deus produz a Graça. A Graça produz a Eleição. A Eleição produz fé, santidade, redenção e todas as outras bênçãos espirituais. Nossa salvação é como um anel de diamante com muitas facetas. A base do

anel é a eleição que sustenta todo o diamante. A base tem que ser bem preparada ante que a jóia seja montada. Da mesma forma, era necessário que o decreto da eleição precedesse todos os outros aspectos de nossa salvação.

Vejamos outras facetas da salvação fora de Efésios cap. 1, que falam da precedência da Eleição.

A Eleição precede a Fé Salvadora: "*Creram todos os que estavam destinados para a vida eterna*" (Atos 13:48).

A Eleição precede as Boas Obras: "...*criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas*" (Efésios 2:10).

A Eleição precede os Pactos: "*Fiz aliança com o meu escolhido...*" (Salmo 89:3).

A Eleição precede a Chamada Eficaz: "E aos que predestinou a estes também chamou..." (Rm 8:30).

O conhecimento da nossa eleição é uma fonte inesgotável de gozo. Seus benefícios práticos e profundos nos conduzem ao "louvor de sua graça" e produz estabilidade como nenhum outro ensino pode fazer (Ef 1:6; II Pe 1:10).

Como saber se somos eleitos?

"...*da operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, reconhecendo, irmãos, amados de Deus, a vossa eleição*" (I Ts 1:3-4).

Paulo sabia que esses irmãos eram eleitos porque reconhecia neles estas três virtudes principais: Fé, amor e esperança. Reconhecia que o desenvolvimento destas qualidades caracteriza os eleitos.

Se bem que a vontade de Deus é que tenhamos segurança de nossa eleição, esta confiança não vem facilmente. Há necessidade de diligência para se praticar as virtudes acima mencionadas. Referente a estas virtudes, Pedro exorta: "...*irmãos, procurai com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição, porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum*" (II Pe 1:10).

Alguns incrédulos, por meio de sua vontade, alcançam certo progresso no desenvolvimento de tais virtudes. Apesar de seu esforço, seu interesse tem um fim e voltam à sua natureza pecaminosa. Um processo de perfeição a longo prazo só é possível pelo poder do Espírito Santo. É neste processo longo que se distinguem os eleitos.

Os textos de Paulo e Pedro nos ajudam a reafirmar nossa eleição. O progresso espiritual para a glória de Deus é a confirmação do **decreto divino**.

RESUMO

A doutrina da Predestinação expõe a questão central da salvação: "Com que contribui o homem para sua salvação?"

A natureza humana pressupõe que a salvação é uma obra mútua e cooperativa entre Deus e o homem. O homem faz sua parte e Deus responde com a graça, de modo que a graça não é soberana. Muitas opiniões diferem acerca do que o homem deve contribuir. Uns querem contribuir com boas obras, penitências, etc. Outros insistem em que tal evangelho de obras é antibíblico porque nossa contribuição deve consistir em boa vontade para que Deus receba maior glória.

Porém, um auto-engano sutil se esconde aqui. O ponto central não é o que contribuem, mas que não podem contribuir com nada em absoluto.

A Predestinação nos leva a uma confrontação com nossa natureza corrupta, com nossa incapacidade total e com um Deus realmente Soberano. É um assalto sem trégua contra o orgulho e auto-suficiência humanas, que a mente carnal não pode tolerar. A Eleição nos agarra pela nuca e nos obriga a dizer frente a esta realidade: *Deus é Soberano na salvação.*

Embora seja uma doutrina difícil de aceitar a princípio, logo se transforma em profundo consolo. Dá forças nas provações, perseverança na perseguição, confiança na oração e segurança em sua relação com o Pai. Esta doutrina nos anuncia que Deus nos amou antes da fundação do mundo, e nos preserva para sempre. Chega a ser para os crentes mais que uma mera doutrina. É como entrar em outra dimensão, onde experimentam algo profundo e escondido. Sentem a eternidade na alma.

D. Outras Evidências

Embora a Bíblia seja a história dos decretos eletivos de Deus, as limitações deste estudo impedem a análise de todos os textos que evidenciam a eleição.

Recomendamos ao estudante evitar um erro comum no estudo deste tema: perder-se nos detalhes e esquecer o padrão da Bíblia em sua totalidade. Este padrão bíblico é simples: Deus, por Sua vontade Soberana, escolheu um povo para a salvação, sem levar em conta seus méritos. Com este povo Deus instituiu um pacto de graça, proveu um sacrifício de sangue para confirmar o pacto e os preservou. A ordem e o padrão ficam assim: Eleição, Sacrifício, Preservação. Qualquer outra tentativa é apostasia.

É positivo para o estudante investigar os pactos, o sacrifício eficaz de Cristo, os conselhos divinos e a incapacidade total do homem, para saber como se relacionam estas doutrinas com a eleição.

Alguns outros textos individuais a estudar sobre a Eleição são: João 13;18; Marcos 13:20; Romanos 11:5; I Co 1:27-28; Tito 1:1; I Ts 1:4; II Ts 2:13; II tm 1:9.

Roger L. Smalling é Mestre em Teologia e Missionário na América Latina (Equador)

[1] Citação de Benjamin B. Warfield em "Gathered Gold" por John Blanchard; *Evangelical Press* 1989, p. 247.

[2] Citado em "Gathered Gold", John Blanchard, *Evangelical Press 1989, p. 74.*

[3] John Kenneth, *Election: Love before time.* P&R Publishing Co., p.86.

Eleição Incondicional

Por: David Steele e Curtis Thomas

A escolha divina de certos indivíduos para a salvação, antes da fundação do mundo, repousou tão somente na Sua soberana vontade. A escolha de determinados pecadores feita por Deus não foi baseada em qualquer resposta ou obediência prevista da parte destes, tal como fé ou arrependimento.

A. A ELEIÇÃO CONDICIONAL CONTRASTADA COM A ELEIÇÃO INCONDICIONAL

Arminianismo: A escolha divina de certos indivíduos para a salvação, antes da fundação do mundo, foi baseada na Sua previsão (presciência) de que eles responderiam à Sua chamada (fé prevista). Deus selecionou apenas aqueles que Ele sabia que iriam, livremente e por si mesmos, crer no Evangelho. A eleição, portanto, foi determinada ou condicionada pelo que o homem iria fazer. A fé que Deus previu e sobre a qual Ele baseou a Sua escolha não foi dada ao pecador por Deus (não foi criada pelo poder regenerador do Espírito Santo), mas resultou tão somente da vontade do homem. Foi deixado inteiramente ao arbítrio do homem o decidir quem creria e, por conseguinte, quem seria eleito para a salvação. Deus escolheu aqueles que Ele sabia que iriam, de sua livre vontade, escolher a Cristo. Assim, a causa última da salvação não é a escolha que Deus faz do pecador, mas a escolha que o pecador faz de Cristo.

Calvinismo: A escolha divina de certos indivíduos para a salvação, antes da fundação do mundo, repousou tão somente na Sua soberana vontade. A escolha de determinados pecadores feita por Deus não foi baseada em qualquer resposta ou obediência prevista da parte destes, tal como fé ou arrependimento. Pelo contrário, é Deus quem dá a fé e o arrependimento a cada pessoa a quem Ele escolheu. Esses atos são o resultado e não a causa da escolha divina. A eleição, portanto, não foi determinada nem condicionada por qualquer qualidade ou ato previsto no homem. Aqueles a quem Deus soberanamente elegeu, Ele os traz, através do poder do Espírito, a uma voluntária aceitação de Cristo. Desta forma, a causa última da salvação não é a escolha que o pecador faz de Cristo, mas a escolha que Deus faz do pecador.

B. ELEIÇÃO INCONDICIONAL

Devido ao pecado de Adão, seus descendentes entram no mundo como pecadores culpados e perdidos. Como criaturas caídas, eles não têm desejo de ter comunhão com o seu Criador. Ele é santo, justo e bom, ao passo que eles são pecaminosos, perversos e corruptos- Deixados à sua própria escolha, eles inevitavelmente seguem o deus deste século e fazem a vontade do seu pai, o diabo. Consequentemente, os homens têm se desligado do Senhor dos céus e têm perdido todos os direitos de Seu amor e favor. Teria sido perfeitamente justo para Deus ter deixado todos os homens em seus pecados e miséria e não ter demonstrado misericórdia a quem quer que seja. É neste contexto que a Bíblia apresenta a doutrina da eleição.

A doutrina da eleição declara que Deus, antes da fundação do mundo, escolheu certos indivíduos dentre todos os membros decaídos da raça de Adão para ser o objeto de Seu imerecido amor. Esses, e somente esses, Ele propôs salvar. Deus poderia ter escolhido salvar todos os homens (pois Ele tinha o poder e a autoridade para fazer isso), ou Ele poderia ter escolhido não salvar ninguém (pois Ele não tem a obrigação de mostrar misericórdia a quem quer que seja), porém não fez nem uma coisa nem outra. Ao invés disso, Ele escolheu salvar alguns e excluir (preterir) outros. Sua eterna escolha de determinados pecadores para a salvação não foi baseada em qualquer ato ou resposta

Ir Para Página Nº

Editorial 02
A Atitude de Calvino Diante da Predestinação .. 03
Doutrina da Eleição 04
Os Decretos Eternos de Deus 05
Eleição por Graça 09
Eleição Incondicional 16
Oração Arminiana e Oração Calvinista 19
A Soberania Divina 20
João Calvino e a Doutrina da Reprovação 22
Cofissão de Fé de Westminster 24
A Chamada 25
Predestinação Uma Visão Bíblica 28
Por que Deus Resolveu Salvar Alguns 31
O Movimento Carismático – 3 32

prevista da parte daqueles escolhidos, mas foi baseada tão somente no Seu beneplácito e na Sua soberana vontade. Desta forma, a eleição não foi condicionada nem determinada por qualquer coisa que os homens iriam fazer, mas resultou inteiramente do propósito determinado pelo próprio Deus.

Os que não foram escolhidos foram preteridos e deixados às suas próprias inclinações e escolhas más. Não cabe à criatura questionar a justiça do Criador por não escolher todos para a salvação. É suficiente saber que o Juiz de toda a terra tem agido bem e justamente. Deve-se, contudo, ter em mente que se Deus não tivesse graciosamente escolhido um povo para Si mesmo, e soberanamente determinado prover-lhe e aplicar-lhe a salvação, ninguém seria salvo. O fato de Ele ter feito isto para alguns, à exclusão dos outros, não é de forma alguma injusto para os excluídos, a menos que se mantenha que Deus estava na obrigação de prover salvação a todos os pecadores - o que a Bíblia rejeita cabalmente.

A doutrina da eleição deve ser vista não apenas contra o pano de fundo da depravação e culpa do homem, mas também deve ser estudada em conexão com o Eterno Pacto ou acordo feito entre os membros da Trindade. Pois foi na execução deste pacto que o Pai escolheu desse mundo de pecadores perdidos um número definido de indivíduos e deu-os ao Filho para serem o Seu povo. O Filho, nos termos desse pacto, concordou em fazer tudo quanto era necessário para salvar esse povo escolhido e que lhe foi concedido pelo Pai. A parte do Espírito na execução desse pacto foi e é a de aplicar aos eleitos a salvação adquirida para eles pelo Filho.

A eleição, portanto, é apenas um aspecto (embora muito importante) do propósito salvador do Deus Triúno, e dessa forma não deve ser vista como salvação. O ato da eleição em si mesmo não salvou ninguém. O que ele fez foi destacar (marcar) alguns indivíduos para a salvação. Desta forma, a doutrina da eleição não deve ser divorciada das doutrinas da culpa do homem, da redenção e da regeneração, pois de outra forma ela será distorcida e deturpada. Em outras palavras, se quisermos manter em sua perspectiva bíblica, e corretamente entendido, o ato da eleição do Pai deve ser relacionado com a obra redentora do Filho, que Se deu a Si mesmo para salvar os eleitos e com a obra renovadora do Espírito, que traz o eleito à fé em Cristo.

A) Declarações gerais mostrando que Deus tem um povo eleito, que Ele predestinou esse povo para a salvação e, desta forma, para a vida eterna:

DT 10.14 "Eis que do Senhor teu Deus são o céu e o céu dos céus, a terra e tudo o que nela há. Entretanto o Senhor se afeiçoou a teus pais para os amar; e escolheu a sua descendência depois deles, isto é, a vós, dentre todos os povos, como hoje se vê".

SL 33.12 "Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor, o povo que ele escolheu para sua herança".

SL 65.4 "Bem-aventurado aquele a quem tu escolhes, e fazes chegar a ti, para habitar em teus átrios! Nós seremos satisfeitos com a bondade da tua casa, do teu santo templo".

AG 2.23 "Naquele dia, diz o Senhor dos exércitos, tomar-te-ei, ó Zorobabel, servo meu, filho de Sealtiel, diz o Senhor, e te farei como um anel de selar; porque te escolhi, diz o Senhor dos exércitos".

MT 11.27 "Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece plenamente o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar".

MT 22.14 "Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos".

MT 24.22 "E se aqueles dias não fossem abreviados, ninguém se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias".

MT 24.31 "E ele enviará os seus anjos com grande clangor de trombeta, os quais lhe ajuntarão os escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus".

LC 18.7 "E não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que dia e noite clamam a ele, já que é longânimo para com eles?".

RM 8.28-30 "E sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos; e aos que predestinou, a estes também chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que justificou, a estes também glorificou".

RM 8.33 "Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica".

RM 11.28 "Quanto ao evangelho, eles na verdade, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais".

CL 3.12 "Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de coração compassivo, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade."

I TES 5.9 "...porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançarmos a salvação por nosso Senhor Jesus Cristo,

TIT 1.1 "Paulo, servo de Deus, e apóstolo de Jesus Cristo, segundo a fé dos eleitos de Deus, e o pleno conhecimento da verdade que é segundo a piedade".

I PED 1.1 "Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos peregrinos da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia".

I PED 1.2 "...eleitos segundo a presciência de Deus Pai, na santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas".

I PED 2.8 "Como uma pedra de tropeço e rocha de escândalo; porque tropeçam na palavra, sendo desobedientes; para o que também foram destinados. Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as grandezas daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz".

AP 17.14 "Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os que estão com ele, os chamados, e eleitos, e fiéis".

B) Antes da fundação do mundo, Deus escolheu determinados indivíduos para a salvação. Sua escolha não foi baseada em qualquer resposta ou ato previsto, a ser cumprido pelos escolhidos. A fé e as boas obras são o resultado e não a causa da escolha divina.

1. Deus fez a escolha:

MR 13.20 "Se o Senhor não abreviasse aqueles dias, ninguém se salvaria mas ele, por causa dos eleitos que escolheu, abreviou aqueles dias".

I TES 1.4 "...conhecendo, irmãos, amados de Deus, a vossa eleição".

II TES 2.13 "Mas nós devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos, amados do Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a santificação do espírito e a fé na verdade".

2. A escolha divina foi feita antes da fundação do mundo:

EF 1.4 "...como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor".

II TES 2.13 "Mas nós devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos, amados do Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a santificação do espírito e a fé na verdade".

II TIM 1.9 "...que nos salvou, e chamou com uma santa vocação, não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e a graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos".

AP 13.8 "E adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, esses

cujos nomes não estão escritos no livro do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo".
AP 17.8 "A besta que viste era e já não é; todavia está para subir do abismo, e vai-se para a perdição; e os que habitam sobre a terra e cujos nomes não estão escritos no livro da vida desde a fundação do mundo se admirarão, quando virem a besta que era e já não é, e que tornará a vir".
3. Deus escolheu determinados indivíduos para a salvação - seus nomes foram escritos no livro da vida antes da fundação do mundo:
AP 13.8 "E adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo".
AP 17.8 "A besta que viste era e já não é; todavia está para subir do abismo, e vai-se para a perdição; e os que habitam sobre a terra e cujos nomes não estão escritos no livro da vida desde a fundação do mundo se admirarão, quando virem a besta que era e já não é, e que tornará a vir".
4) A escolha divina não foi baseada em qualquer mérito previsto naqueles a quem Ele escolheu, nem foi baseada em quaisquer obras previstas, realizadas por eles:
RM 9.11-13 "...(pois não tendo os gêmeos ainda nascido, nem tendo praticado bem ou mal, para que o propósito de Deus segundo a eleição permanecesse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama) foi-lhe dito: O maior servirá o menor. Como está escrito: Amei a Jacó, e aborreci a Esaú".
RM 9.16 "Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus que usa de misericórdia".
RM 10.20 "E Isaías ousou dizer: Fui achado pelos que não me buscavam, manifestei-me aos que por mim não perguntavam".
I COR 1.27-29 "Pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para confundir os sábios; e Deus escolheu as coisas fracas do mundo para confundir as fortes e Deus escolheu as coisas ignóbeis do mundo, e as desprezadas, e as que não são, para reduzir a nada as que são; para que nenhum mortal se glorie na presença de Deus".
II TIM 1.9 "...que nos salvou, e chamou com uma santa vocação, não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e a graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos"
5. As boas obras são o resultado e não a base da predestinação:
EF 1.12 "...com o fim de sermos para o louvor da sua glória, nós, os que antes havíamos esperado em Cristo".
EF 2.10 "Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas".
JO 15.16 "Vós não me escolhestes a mim mas eu vos escolhi a vós, e vos designei, para que vades e deis frutos, e o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda".
6. A escolha divina não foi baseada na fé prevista. A fé é o resultado e, portanto, a evidência da eleição divina, não a causa ou base de Sua escolha:
AT 13.48 "Os gentios, ouvindo isto, alegravam-se e glorificavam a palavra do Senhor; e creram todos quantos haviam sido destinados para a vida eterna".
AT 18.27 "Querendo ele passar à Acáia, os irmãos o animaram e escreveram aos discípulos que o recebessem; e tendo ele chegado, auxiliou muito aos que pela graça haviam crido".
FIL 1.29 "...pois vos foi concedido, por amor de Cristo, não somente o crer nele, mas também o padecer por ele".
FIL 2.12-13 "De sorte que, meus amados, do modo como sempre obedecestes, não como na minha presença somente, mas muito mais agora na minha ausência, efetuai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade".
I TES 1.4-5 "...conhecendo, irmãos, amados de Deus, a vossa eleição porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo e em plena convicção, como bem sabeis quais fomos entre vós por amor de vós".
II TES 2.13-14 "Mas nós devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos, amados do Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a santificação do espírito e a fé na verdade, e para isso vos chamou pelo nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo".
TG 2.5 "Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que são pobres quanto ao mundo para fazê-los ricos na fé e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?".
7. É através da fé e das boas obras que alguém confirma sua chamada e eleição:
II PE 1.5-11 "E por isso mesmo vós, empregando toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, e à ciência o domínio próprio, e ao domínio próprio a perseverança, e à perseverança a piedade, e à piedade a fraternidade, e à fraternidade o amor. Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, elas não vos deixarão ociosos nem infrutíferos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois aquele em quem não há estas coisas é cego, vendo somente o que está perto, havendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados. Portanto, irmãos, procurai mais diligentemente fazer firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis. Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo".
C) A eleição não é a salvação, mas é para a salvação. Assim como o presidente eleito não se torna o presidente de fato até o dia da sua posse (instalação), assim aqueles que são eleitos para a salvação não são salvos até que sejam regenerados pelo Espírito e justificados pela fé em Cristo: (Em Efésios 1:4 Paulo mostra que os homens foram eleitos "em Cristo" antes que o mundo existisse. Em Rm 16:7 ele mostra que os homens não estão realmente "em Cristo" até que se convertam).
RM 11.7 "Por quê? O que Israel busca, isso não o alcançou; mas os eleitos alcançaram; e os outros foram endurecidos".
II TIM 2.10 "Por isso, tudo suporto por amor dos eleitos, para que também eles alcancem a salvação que há em Cristo Jesus com glória eterna".
AT 13.48 "Os gentios, ouvindo isto, alegravam-se e glorificavam a palavra do Senhor; e creram todos quantos haviam sido destinados para a vida eterna."
ITES 2.13-14 "Por isso nós também, sem cessar, damos graças a Deus, porquanto vós, havendo recebido a palavra de Deus que de nós ouvistes, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo ela é na verdade) como palavra de Deus, a qual também opera em vós que credes. Pois vós, irmãos, vos haveis feito imitadores das igrejas de Deus em Cristo Jesus que estão na Judéia; porque também padecestes de vossos próprios concidadãos o mesmo que elas padeceram dos judeus".
EF 1.4 "...como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor"
RM 16.7 "Saudai a Andrônico e a Júnias, meus parentes e meus companheiros de prisão, os quais são bem conceituados entre os apóstolos, e que estavam em Cristo antes de mim".
D) A eleição foi baseada na misericórdia soberana e especial de Deus. Não foi a vontade do homem, mas a vontade de Deus que determinou que pecadores iriam ser alvos da misericórdia e ser salvos:
EX 33.19 "Respondeu-lhe o Senhor: Eu farei passar toda a minha bondade diante de ti, e te proclamarei o meu nome Jeová; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem me compadecer".
DT 7.6-7 "Porque tu és povo santo ao Senhor teu Deus; o Senhor teu Deus te escolheu, a fim de lhe seres o seu próprio povo, acima de todos os povos que há sobre a terra. O Senhor não tomou prazer em vós nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que todos os outros povos, pois éreis menos em número do que qualquer povo".
MT 20.15 "Não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou é mau o teu olho porque eu sou bom?
RM 9.10-24 "E não somente isso, mas também a Rebeca, que havia concebido de um, de Isaque, nosso pai (pois não tendo os gêmeos ainda nascido, nem tendo praticado bem ou mal, para que o propósito de Deus segundo a eleição permanecesse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), foi-lhe dito: O maior servirá o menor. Como está escrito: Amei a Jacó, e aborreci a Esaú. Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum. Porque diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia, e terei compaixão de quem me aprouver ter compai-

xão. Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus que usa de misericórdia. Pois diz a Escritura a Faraó: Para isto mesmo te levantei: para em ti mostrar o meu poder, e para que seja anunciado o meu nome em toda a terra. Portanto, tem misericórdia de quem quer, e a quem quer endurece. Dir-me-ás então. Por que se queixa ele ainda? Pois, quem resiste à sua vontade? Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para uso honroso e outro para uso desonroso? E que direis, se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para a perdição; para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que de antemão preparou para a glória, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?".

RM 11.4 "Mas que lhe diz a resposta divina? Reservei para mim sete mil varões que não dobraram os joelhos diante de Baal."

RM 11.5-6 "Assim, pois, também no tempo presente ficou um remanescente segundo a eleição da graça. Mas se é pela graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já não é graça".

RM 11.33-36 "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Pois, quem jamais conheceu a mente do Senhor? ou quem se fez seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele, e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém".

EF 1.5 "...e nos predestinou para sermos filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade".

E) A doutrina da eleição é apenas uma parte da doutrina bíblica mais ampla da soberania de Deus. As Escrituras não apenas ensinam que Deus predestinou certos indivíduos para a vida eterna, mas que todos os eventos, grandes ou pequenos, acontecem como o resultado do eterno decreto de Deus. O Senhor Deus reina sobre os céus e a terra com absoluto controle. Nada acontece fora do Seu eterno propósito:

I CRO 29.10-12 "Pelo que Davi bendisse ao Senhor na presença de toda a congregação, dizendo: Bendito és tu, ó Senhor, Deus de nosso pai Israel, de eternidade em eternidade. Tua é, ó Senhor, a grandeza, e o poder, e a glória, e a vitória, e a majestade, porque teu é tudo quanto há no céu e na terra; teu é, ó Senhor, o reino, e tu te exaltaste como chefe sobre todos. Tanto riquezas como honra vêm de ti, tu dominas sobre tudo, e na tua mão há força e poder; na tua mão está o engrandecer e o dar força a tudo".

JÓ42.1-2 "Então respondeu Jó ao Senhor: Bem sei eu que tudo podes, e que nenhum dos teus propósitos pode ser impedido".

SL 115.3 "Mas o nosso Deus está nos céus; ele faz tudo o que lhe apraz".

SL 135.6 "Tudo o que o Senhor deseja ele o faz, no céu e na terra, nos mares e em todos os abismos".

ISA 14.24 "O Senhor dos exércitos jurou, dizendo: Como pensei, assim sucederá, e como determinei, assim se efetuará".

ISA 14.27 "Pois o Senhor dos exércitos o determinou, e quem o invalidará? A sua mão estendida está, e quem a fará voltar atrás?".

ISA 46.9-11 "Lembrai-vos das coisas passadas desde a antigüidade; que eu sou Deus, e não há outro; eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio, e desde a antigüidade as coisas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho subsistirá, e farei toda a minha vontade; chamando do oriente uma ave de rapina, e dum país remoto o homem do meu conselho; sim, eu o disse, e eu o cumprirei; formei esse propósito, e também o executarei".

ISA 55.11 "...assim será a palavra que sair da minha boca: ela não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a enviei".

JER 32.17 "Ah! Senhor Deus! És tu que fizeste os céus e a terra com o teu grande poder, e com o teu braço estendido! Nada há que te seja demasiado difícil!".

DAN 4.35 "E todos os moradores da terra são reputados em nada; e segundo a sua vontade ele opera no exército do céu e entre os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?"

MT 19.26 "Jesus, fixando neles o olhar, respondeu: Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível".

(Trancrito de The Five Points of Calvinism - PR PUBLISHING)

Oração Arminiana:

"Ó Senhor, eu te agradeço porque Tu apenas previstes que eu iria me arrepender e crer e, em resposta a isso, tu me escolhestes. Graças te dou porque a Tua escolha foi uma retribuição à minha fé e arrependimento. Te agradeço porque fé e arrependimento são fruto da minha livre vontade e que dependem de mim mesmo. Eu te agradeço porque eu pude de mim mesmo ter esta fé. Graças porque a Tua escolha dependia da minha escolha. Graças te dou porque Tu só me amaste porque vistes que eu te amaria. Por fim, Senhor, eu te agradeço porque Tu só me salvaste porque eu decidi crer em ti, ou seja, porque a minha salvação dependia de mim mesmo. Obrigado porque a glória da minha salvação está dividida entre nós dois".

Oração Calvinista:

"Ó Senhor eu te agradeço porque sem ti nada posso fazer. Agradeço porque tu me escolhestes para a salvação, quando eu de mim mesmo nada poderia fazer para consegui-la. Eu te agradeço porque, mesmo não tendo nada para te oferecer, tu decidiste me salvar e me escolhestes antes da fundação do mundo e por isso mandaste teu Filho com este propósito de salvar todos os que o Pai te deu. Eu te agradeço porque não fui eu que ti escolhi, pelo contrário, fostes Tu que me escolhestes para que eu desse fruto e fosse santo. Obrigado porque eu só pude ter fé, exatamente porque Tu me escolhestes e por graça e misericórdia me destes esse dom. Obrigado porque a salvação pertence ao Senhor e meu nome foi por Ti escrito no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo. Obrigado porque a glória da minha salvação é toda Tua."

Manoel Canuto

Embora na prática os arminianos não orem desta forma, por uma questão de coerência esta deveria ser sua oração

A Soberania Divina

Por: J.I. Packer

Não pretendo, de modo algum, gastar meu tempo provando a verdade geral de que Deus é soberano em Seu mundo. Não há necessidade disso; pois sei que, se o leitor é cristão, já confia nessa verdade. Como sei que é assim? Porque sei que, se o leitor é cristão, então faz orações; e o reconhecimento do fato da soberania de Deus é a base de suas orações. Na oração, o cristão solicita coisas e agradece por elas. Por quê? Porque reconhece que Deus é o autor e a origem de todo o bem que já possui e de todo bem que espera no futuro. Essa é a filosofia fundamental da oração cristã. A oração não é uma tentativa para forçar a mão de Deus, mas um humilde reconhecimento de incapacidade e dependência. Quando nos pomos de joelhos, sabemos que não somos nós que controlamos o mundo; não estando em nosso poder, portanto atender nossas necessidades pelos nossos próprios esforços independentes; todas as coisas boas que desejamos para nós mesmos e para os outros devem ser procuradas em Deus; e se elas vierem, virão como dádivas de Suas mãos. Se isso é verdade até mesmo com relação ao nosso pão diário (e a oração do Pai Nosso nos ensina que assim é), então muito mais verdade será com relação aos benefícios espirituais. Tudo isso é evidentemente claro para nós quando nos pomos a orar de fato, não obstante o que venhamos a argumentar depois. Por conseguinte, o que na realidade fazemos, cada vez que oramos, é confessar nossa impotência e a soberania de Deus. Dessa maneira, o próprio fato de um crente orar é uma prova positiva de que crê na soberania de seu Deus.

Não pretendo, de modo algum, gastar meu tempo provando a verdade geral de que Deus é soberano em Seu mundo. Não há necessidade disso; pois sei que, se o leitor é cristão, já confia nessa verdade. Como sei que é assim? Porque sei que, se o leitor é cristão, então faz orações; e o reconhecimento do fato da soberania de Deus é a base de suas orações.

Também não quero perder tempo tentando provar a verdade particular de que Deus é soberano na salvação. Pois o leitor também já acredita nisso. Dois fatos demostram isso. Em primeiro lugar, o cristão agrade a Deus pela sua conversão. Ora, por que ele age assim? Porque sabe em seu coração que Deus foi inteiramente responsável por ela. Ele não salvou a si mesmo; Deus o salvou. A própria ação de graças do cristão é um reconhecimento de que sua conversão não foi obra sua, mas de Deus. Ninguém atribui à ocasião ou acidente o fato de se colocar sob influência de Cristo. Ninguém, atribui à ocasião ou ao acidente o fato de ter freqüentado certa igreja evangélica, ter ouvido o evangelho de Cristo, ter tido amigos cristãos ou talvez, uma família cristã, de a Bíblia ter caído em suas mãos, de ter visto sua própria necessidade de Cristo e de ter confiado nEle como seu Salvador. Ninguém atribui o seu arrependimento e fé à sua própria sabedoria, prudência ou bom senso. É possível que nos dias quando ainda buscava a Cristo, tenha labutado e se esforçado arduamente, lido e ponderado muito, mas todos esses esforços não fizeram com que a conversão fosse obra sua. O ato de fé do cristão, quando se uniu a Cristo, foi obra dele no sentido de ter sido uma realização sua; mas isso está longe de significar que ele salvou a si próprio.

Quando olha para trás, o cristão aceita sua própria responsabilidade pela sua cegueira passada, pela sua obstinação e evasivas face à mensagem do evangelho; porém ninguém se congratula pelo fato de que finalmente se deixou dominar por um Cristo persistente. O cristão jamais sonharia em dividir o crédito pela sua salvação entre Deus e si mesmo. Em nenhum momento poderia supor que a contribuição decisiva que o levou à salvação foi obra sua e não

Ir Para Página Nº

Editorial 02
A Atitude de Calvino Diante da Predestinação .. 03
Doutrina da Eleição 04
Os Decretos Eternos de Deus 05
Eleição por Graça 09
Eleição Incondicional 16
Oração Arminiana e Oração Calvinista 19
A Soberania Divina 20
João Calvino e a Doutrina da Reprovação 22
Cofissão de Fé de Westminster 24
A Chamada 25
Predestinação Uma Visão Bíblica 28
Por que Deus Resolveu Salvar Alguns 31
O Movimento Carismático – 3 32

de Deus. Ele jamais poderia dizer a Deus que, apesar de estar grato pelos meios e pela oportunidade de graça que recebeu dEle, percebe que tem de agradecer não a Ele , mas a si mesmo, pelo fato de haver correspondido afirmativamente à Sua chamada. O seu coração se revolta face ao pensamento de falar com Deus nesses termos. De fato, o cristão agradece ao Senhor com igual sinceridade tanto pelo dom de um Cristo em quem crer e confiar. Esse é o caminho por onde, desde que o leitor se tornou cristão, vem sendo dirigido pelo coração. O cristão atribui a Deus toda a glória por tudo quanto está envolvido em sua salvação, e sabe que seria uma blasfêmia a recusa em agradecer-Lhe por havê-lo conduzido à fé. Assim sendo, ao mesmo tempo em que medita acerca de sua conversão e por ela agradece, o cristão reconhece também, a soberania da graça divina. Todos os crentes do mundo fazem a mesma coisa.

O cristão jamais sonharia em dividir o crédito pela sua salvação entre Deus e si mesmo. Em nenhum momento poderia supor que a contribuição decisiva que o levou à salvação foi obra sua e não de Deus.

No que diz respeito a isso, é instrutivo ponderar sobre o relato de Charles Simeon acerca de sua conversa com John Wesley, a 20 de dezembro de 1784 (a data é dada no Wesley's Journal):

"Senhor, sei que o chamam de arminiano; e algumas vezes sou chamado de calvinista; portanto, deveríamos desembainhar as espadas. Porém, antes de consentir em iniciar o combate, permita-me fazer-lhe algumas perguntas... Diga-me: 0 senhor se sente uma criatura depravada, tão depravada que nunca teria pensado em voltar-se para Deus, se Ele não tivesse colocado isso em seu coração?" "Sim, replicou o veterano, "sinto-o realmente". "E não tem esperança alguma de tornar-se aceitável perante Deus por qualquer coisa que possa fazer por si; e espera na salvação exclusivamente através do sangue e da justiça de Cristo?" "Sim, unicamente por meio de Cristo". "Mas, senhor, supondo-se que foi inicialmente salvo por Cristo, não poderia de alguma outra forma salvar-se depois, através de suas próprias obras?" "Não, mas terei de ser salvo por Cristo do princípio ao fim". "Admitindo, portanto, que foi inicialmente convertido pela graça de Deus, o senhor, de um modo ou de outro não tem que se manter por suas próprias forças?" "Não". "Nesse caso, então, o senhor tem que ser mantido, cada hora e momento por Deus, tal como uma criança nos braços de sua mãe?" "Sim, inteiramente". "E toda sua esperança está firmada na graça e misericórdia de Deus, para ser preservado até o Seu reino celeste?" "Sim, não tenho esperanças senão nEle". "Então, senhor, com sua permissão embainharei novamente a minha espada; pois este é todo o meu calvinismo; esta é a minha eleição, minha justificação pela fé, minha perseverança final: em suma, é tudo quanto sustento; portanto, se lhe parecer bem, em lugar de buscarmos termos e frases que sirvam de base para luta entre nós, unamo-nos cordialmente naquelas coisas sobre as quais concordamos".[1]

Na oração, portanto (e o cristão é mais são e sábio quando ora), o cristão sabe que é Deus quem salva os homens; sabe que o que leva os homens a se voltarem para Deus é a própria operação graciosa de Deus mediante a qual os atrai para Si

Há um outro modo pelo qual o cristão reconhece que Deus é soberano na salvação. Ele ora pela conversão de outros. Em que termos o cristão intercede por eles? Ele se limita a pedir a Deus que os leve a um ponto onde possam salvar a si mesmos, independentemente dEle? Não penso que faça tal coisa. Mas penso que o cristão ora em termos categóricos para que Deus, mui simples e decisivamente, os salve: que Ele lhes abra os olhos do entendimento, abrande seu coração, renove sua natureza e mova sua vontade para que recebam o Salvador. O cristão roga a Deus que opere neles tudo quanto for necessário para a sua salvação. O crente não sonharia em dizer a Deus que, na realidade, não está Lhe pedindo que os conduza a fé, visto que reconhece que isso é algo que Ele não pode fazer! Nada disso! Quando um cristão ora em favor de pessoas ainda não convertidas, fá-lo na suposição de que Deus tem o poder de conduzi-los à fé. Insta com Deus para que faça exatamente isso, e sua confiança na solicitação repousa na certeza de que Ele é capaz de realizar o que se pede. E realmente é o que Deus faz: essa convicção, que anima a intercessão do cristão, é a própria verdade de Deus, escrita no seu coração pelo Espírito Santo. Na oração, portanto (e o cristão é mais são e sábio quando ora), o cristão sabe que é Deus quem salva os homens; sabe que o que leva os homens a se voltarem para Deus é a própria operação graciosa de Deus mediante a qual os atrai para Si; e o conteúdo das orações do cristão é determinado por esse conhecimento. Dessa maneira, o cristão reconhece e confessa a soberania da graça de Deus, não apenas através de suas ações de graças pela sua conversão, mas também através de sua intercessão.

Existe uma controvérsia milenar na Igreja: realmente Deus é ou não é Senhor em relação à conduta humana e à fé salvadora? O que foi dito nos mostra como devemos considerar essa controvérsia. A situação não é conforme aparenta. Pois não é verdade que alguns cristãos acreditam na soberania divina enquanto outros sustentam um ponto de vista contrário. A verdade é que todos os cristãos acreditam na soberania divina, embora alguns não tenham consciência dessa crença e, equivocadamente, imaginam e insistem que a rejeitam. O que provoca esse estranho estado de coisas?

A raiz do problema é a mesma que no caso da maioria dos erros existentes na Igreja - a intrusão de especulações racionalistas, a paixão pela coerência sistemática, a relutância em reconhecer a existência de mistérios e em reconhecer que Deus é mais sábio que os homens, e a consequente sujeição das Escrituras às supostas exigências da lógica humana. As pessoas percebem que a Bíblia ensina a responsabilidade do homem pelas suas ações; mas não percebem (de fato, o homem não pode perceber) como isso pode ser coerente com a soberania de Deus sobre essas ações. Não se dispõem a permitir que as duas verdades existam lado a lado, conforme realmente sucede nas Escrituras, mas precipitam-se em concluir que, a fim de sustentar a verdade bíblica da responsabilidade humana, estão obrigados a rejeitar a igualmente bíblica e veraz doutrina da soberania divina, desconsiderando o grande número de trechos bíblicos que a ensinam. O desejo de simplificar em demasia a Bíblia, extirpando os mistérios, é algo natural para nossas mentes pervertidas, e não é de surpreender que até mesmo homens bons tenham caído vítimas dessa tendência. Daí, essa disputa persistente e perturbadora. A ironia da situação, entretanto, é que quando perguntamos como oram os seguidores das duas correntes, torna-se evidente que aqueles que professam negar a soberania de Deus, na realidade, acreditam nela tão perfeita e vigorosamente como aqueles que a defendem.

Portanto, como ora o leitor? Roga a Deus pelo seu pão diário? Agradece a Deus pela sua conversão? Ora em favor da conversão dos outros? Se a sua resposta for "não", então só posso dizer que não penso que já tenha nascido de novo. Porém, se sua resposta é "sim" - bem, isso prova que, qualquer que tenha sido o lado escolhido nos debates referentes a essa questão, em seu coração acredita na soberania de Deus tão firmemente quanto qualquer outro cristão. Quando estamos de pé podemos apresentar argumentos sobre a questão; mas, prostrados de joelhos, estamos todos em acordo.

Transcrito do livro "Evangelização e Soberania de Deus" - Págs. 11-15- J.I. Packer - Editora Vida Nova

1 Horae Homileticae, Prefácio: 1.17s

João Calvino e A Doutrina da Soberania e Justa Reprovação

Por: Fred H. Klooster

Provavelmente, ninguém mais do que Calvino sabia que a doutrina da dupla predestinação é impopular. "Agora, quando o homem na sua compreensão humana, ouve estas coisas", escreveu ele, "sua insolência é tão irreprimível que ele prorrompe a esmo e em imoderado tumulto, como despertado por som de trombeta na batalha". Calvino estava pensando nos que aceitavam a eleição e negam a reprovação

Provavelmente, ninguém mais do que Calvino sabia que a doutrina da dupla predestinação é impopular. "Agora, quando o homem na sua compreensão humana, ouve estas coisas", escreveu ele, "sua insolência é tão irreprimível que ele prorrompe a esmo e em imoderado tumulto, como despertado por som de trombeta na batalha". Calvino estava pensando nos que aceitavam a eleição e negam a reprovação

Provavelmente, ninguém mais do que Calvino sabia que a doutrina da dupla predestinação é impopular. "Agora, quando o homem na sua compreensão humana, ouve estas coisas", escreveu ele, "sua insolência é tão irreprimível que ele prorrompe a esmo e em imoderado tumulto, como despertado por som de trombeta na batalha"[1]. Calvino estava pensando nos que aceitavam a eleição e negam a reprovação[2]. "Na verdade, muitos, como se quisessem evitar o opróbrio de Deus, aceitavam a eleição em tais termos, que acabavam negando a condenação de qualquer um", observou; "na verdade, não existiria eleição se não houvesse reprovação"[3].

Calvino não queria significar que a reprovação fosse uma dedução lógica da eleição; ele fez a asserção acima plenamente convicto de que a Escritura a exige. "Se não nos envergonhamos do Evangelho, devemos confessar que a eleição está aí plenamente declarada. Deus, por sua eterna boa vontade, que não tem causa fora de si mesma, destinou à salvação àqueles de quem se agrada, rejeitando o resto. Àqueles a quem achou dignos da eleição gratuita, Ele iluminou por Seu Espírito, de modo que recebessem a vida oferecida por Cristo, ao passo que os outros descrêem voluntariamente, de modo que permanecem nas trevas, destituídos da luz da Fé"[4].

Calvino, falou abertamente do "plano incompreensível" de Deus e admitiu que a reprovação levanta questões que não podem ser respondidas. Consi-

derou-se compelidos a defender a doutrina da reprovação, contudo, porque a Escritura o exige. Com referência a Romanos 9, ele disse "que está na mão e na vontade de Deus tanto o endurecer quanto o usar de misericórdia... Nem tão pouco o próprio apóstolo Paulo se empenha em desculpar a Deus - como o fazem muitos aos quais me tenho referido - com falsidades e mentiras; o Apóstolo apenas se limita a advertir que não é lícito ao barro querelar com o oleiro" (Rm 9.20)[5].

Ao sumariar a doutrina da reprovação, de Calvino, podemos empregar as mesmas divisões usadas ao sumariarmos a sua doutrina da eleição - com uma exceção. Nossa discussão da doutrina de Calvino a respeito da "soberana e justa reprovação" tratará do decreto divino da reprovação - a causa, porém, não o fundamento da reprovação - seu propósito e seus meios. A reprovação é tão soberana quanto a eleição; contudo, Calvino deu ênfase à soberania da justiça de Deus na reprovação, em contraste com a soberania da livre graça, na eleição. A obra de Deus, naturalmente, é operação do Deus Triúno, como foi antes observado. Calvino não repetiu isto especificamente ao discutir a reprovação. Conquanto Calvino tenha dito que o Filho e o Pai são o autor do decreto da eleição, não fez a mesma referência com relação à reprovação. Que o Espírito Santo é o atual mestre desta doutrina da reprovação deduz-se do ponto de vista de Calvino a respeito da inspiração da Escritura. Ele fez esta referência específica quando mencionou os que rejeitam esta doutrina difícil: Tais pessoas não se opunham apenas a ele, mas também a Paulo e ao Espírito Santo"[9].

O DECRETO DIVINO DA REPROVAÇÃO

Calvino entendeu o eterno conselho de Deus como expressão de Sua soberana vontade e propósito para toda a história do mundo. A história é o desdobramento deste imutável conselho de Deus. A presciência de Deus, bem como a Sua providência, estão enraizadas no Seu eterno conselho. O decreto da eleição é parte do eterno conselho de Deus. Agora seguiremos a Calvino na discussão da reprovação. A reprovação bem como a eleição dizem respeito ao decreto eterno ou ao conselho soberano de Deus. Aqui é onde começa a discussão do assunto por Calvino.

a) A reprovação envolve a obra decretiva de Deus. A revisão das definições de Calvino a respeito da predestinação demonstra que Calvino ligava a reprovação ao eterno decreto de Deus:

"Chamamos predestinação ao eterno decreto pelo qual Deus determinou, em si mesmo, aquilo que deve ocorrer a cada homem, pois os homens não são criados todos em igual condição; ao contrário, uns são preordenados à vida eterna, e outros são preordenados à eterna danação"[6].

"Estamos dizendo que a Escritura mostra claramente que Deus, por seu eterno e imutável desígnio, determinou, de uma vez por todas, aqueles a quem queria receber para sempre à salvação e, por outro lado, aqueles a quem queria entregar à perdição"[7].

"Logo, Esaú, que não diferia em mérito de Jacó, foi repudiado, enquanto Jacó foi distinguido pela predestinação de Deus"[8]

Estes sumários do ponto de vista de Calvino são claros. A reprovação relaciona-se com o decreto divino. Contudo, devemos observar que Calvino não fez referência específica às distintas pessoas da Trindade em conexão com a reprovação, como fez em relação à eleição. A obra de Deus, naturalmente, é operação do Deus Triúno, como foi antes observado. Calvino não repetiu isto especificamente ao discutir a reprovação. Conquanto Calvino tenha dito que o Filho e o Pai são o autor do decreto da eleição, não fez a mesma referência com relação à reprovação. Que o Espírito Santo é o atual mestre desta doutrina da reprovação deduz-se do ponto de vista de Calvino a respeito da inspiração da Escritura. Ele fez esta referência específica quando mencionou os que rejeitam esta doutrina difícil: Tais pessoas não se opunham apenas a ele, mas também a Paulo e ao Espírito Santo"[9].

Calvino sustentou também que esta doutrina da reprovação foi claramente ensinada pelo próprio Cristo. Calvino pergunta: *"Toda árvore que meu Pai não plantou será arrancada"* (Mt 15.13) - paráfrase?" E Calvino acrescenta: "Isto significa plenamente que todos aqueles a quem o Pai não condescendeu em plantar como árvores sagradas no seu campo, estão marcados e votados à destruição. E se (meus adversários) dizem que isto não é sinal de reprovação, nada mais pode ser provado a eles, por mais claro que seja"[10].

Contudo, Calvino sabia que um apelo a uma passagem clara da Escritura não fechava a boca de seus opositores. Por isso apelou outra vez para a Carta aos Romanos: "Observem os leitores que Paulo, para por fim aos murmúrios e maledicências, reconhece soberania suprema à ira e ao poder de Deus, uma vez que é iníquo sujeitar, à nossa opinião, os profundos juízos de Deus, que absorvem todos os recursos da nossa mente"[11]. Calvino estava se referindo as palavras de Paulo: *"Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos da ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas de sua glória em vasos de misericórdia, que para a glória preparou de antemão?"* [12]. Ao argumento de que a frase nas frases - "preparados para a perdição" e "preparou de antemão" - parece excluir a reprovação do decreto, Calvino respondeu: "Mas, ainda que eu concorde que Paulo, com o seu modo diferente de falar, abranda a aspereza da primeira frase, está muito longe de concordar em transferir, a outro fator, a preparação para a perdição, senão atribui-lo ao secreto conselho de Deus, visto que ainda há pouco, no contexto, ele afirmou que Deus "instigou a Faraó" (Rm 9.17) e, em seguida, acrescentou: *"Logo, tem ele misericórdia de quem quer, e, também, endurece a quem lhe apraz (Rm 9.18). Conclui-se daí que a causa do endurecimento está no secreto conselho de Deus"* [13]. Calvino endossa a interpretação de Agostinho, que disse: "Quando Deus transforma lobos em ovelhas, usa de graça mais poderosa para domar a sua dureza; logo, Deus não converte aos obstinados, porque não emprega essa graça mais poderosa, que Ele poderia propiciar, se quisesse, pois não é destituído dela"[14]. Ainda que Calvino não empregue tais distinções como preterição e condenação - que teólo-

gos reformados posteriores empregaram na discussão da reprovação [15], nós encontramos estas idéias distintas na sua discussão. Referir-nos-emos a isto quando considerarmos o pecado em relação ao decreto de Deus.

A REPROVAÇÃO É PARTICULAR

Para Calvino, a reprovação, como o decreto da eleição, relaciona-se especificamente com indivíduos; eleição e reprovação são específicas e particulares. O decreto da reprovação não traduz a intenção geral de Deus, e não é limitado em sua referência a uma classe de pessoas, como contendiam os Arminianos posteriores. As definições gerais de predestinação, citadas atrás, tornam isso claro; assim também as referências específicas a Esaú, diferentemente de Jacó. Só à luz da reprovação individual ou particular poderia surgir o problema que Calvino considerou. O problema origina-se da alegada inconsistência do fato de dizer-se que Deus, "desde toda a eternidade, ordenou, segundo a sua vontade, àqueles que Ele quis que recebessem o seu amor, e àqueles sobre os quais Ele quis manifestar o Seu juízo", e o fato de Deus "anunciar salvação a todos os homens indiscriminadamente"[16]. Os opositores desafiam a justiça de Deus precisamente porque o decreto de Deus se relaciona com os indivíduos.

Ainda que o decreto de Deus, a respeito da reprovação, se refira claramente aos indivíduos, Calvino insistiu em dizer que nós não sabemos quem são os reprovados. Isto só Deus sabe. Por isso, no curso da história, não podemos tratar com qualquer indivíduo como se ele ou ela fosse claramente um reprovado. Temos obrigação de pregar o Evangelho a todos e podemos também desejar a salvação de todos aqueles a quem pregamos, e nunca temer, por agir assim, que estejamos indo contra a vontade de Deus, pela qual Ele, soberanamente, decretou a reprovação de alguns"[17]. Mesmo quando a Igreja, obediente à ordem do seu Senhor, se vê na necessidade de excomungar um de seus membros, nem mesmo nesse caso a pessoa excomungada deve ser mantida como claramente reprovada, porque tal pessoa "está na mão e sob o juízo de Deus somente"[18]. Um dos objetivos da disciplina da excomunhão é levar o pecador ao arrependimento; para isto, a Igreja deve continuar a orar[19]. Aqui também está o ensino e o exemplo do apóstolo Paulo, que Calvino repete.

Transcrito do livro "A Doutrina da Predestinação Em Calvino", Fred H. Klooster, pg 53-58, Editora SOCEP, com permição.

1 Institutas 3.23.1 (OS, 4.393).
2 Isto foi especialmente verdadeiro, quando a recomendação foi tentada por parte de outros Cantões Suíços, em conexão com o caso de Bolsec. Cf. Andries D. R. Polman, De Praedestinatieleer van Agustinus, Thomasz van aquino em Calvijn: Een dogmahistoriche studie, pp341 e seg.
3 Institutas, 3.23.1 (OS, 4.393).
4 Concernig the Eternal Predestination of God, p. 58. (OC, 8.261-62). Cf. 3.23.1
5 Institutas 3.23.1 (OS, 4.394).
6 Ibid., 3.21.5 (OS, 4.374). Itálicos acrescentados.
7 Ibid., 3.21.7 (OS, 4.378). Itálico acrescentado.
8 Ibid., 3.22.6 (OS, 4.385). Itálico acrescentado.
9 The Epistle of Paul the Apostle to Romans and to Thessalonians (sobre Rm 9.14), OC, 49.181. Cf. Também Brief Replay, in Theokigical Treatises, p. 191 (OC, 9,258).
10 Institutas, 3.23.1 (OS, 4.394).
11 Ibid.
12 Rm 9.22,23.
13 Institutas 3.23.1 (OS, 4.395)
14 Ibid., 3.23.1 (OS, 4.394).
15 E. G. Louis Berkhof, Systematic Theology, p. 116. Nota sobre 3.23.1 das Institutas. Ver nota 32 retro.
16 Institutas 3.24.17 (OS, 4.430).
17 Ibid.,3.23.2-3)OS, 4.377). O Latim diz: "ad singulas personas".
18 Ibid., 4.12.9 (OS, 5.220).
19 Ibid., 4.12.8-9 (OS, 5.219 e seg.).

A EXPRESSÃO DA TEOLOGIA PURITANA

CAPÍTULO III

DOS ETERNOS DECRETOS DE DEUS

III. Pelo decreto de Deus e para a manifestação de sua glória, alguns homens e anjos são predestinados para a vida eterna e outros são preordenados para a morte eterna.

V. Segundo o seu eterno e imutável propósito e segundo o santo conselho e beneplácito da sua vontade, Deus antes que fosse o mundo criado, escolheu em Cristo para a glória eterna os homens que são predestinados para a vida; para o louvor da sua gloriosa graça, ele escolheu de sua mera e livre graça e amor, e não por previsão de fé, ou de boas obras e perseverança nelas, ou de qualquer outra cousa na criatura que a isso o movesse, como condição ou causa.

III - Ref. I Tm.5:21; Mt. 25:41; Rm.9:22,23; Ef.1:5,6; Pv.16:4

V - Ref. Ef. 1:4,9,11; Rom. 8:30; II Tim. 1:9; I Tess. 5:9; Rom. 9:11-16; Ef. 1:19; e 2:8-9

A Chamada

Por: John Murray

Quando usamos o termo "Chamada" não fica evidente de imediato a que estamos nos referindo. A chamada de Deus apresenta várias aplicações. Ela é usada em relação a chamada através da qual, na providência de Deus, somos conduzidos a desempenhar uma determinada vocação (I Co. 7:20-24). Ela é utilizada também em relação ao ofício especial que desempenhamos na igreja de Deus (Rm. 1:1; I Co.1:1). Em relação ao evangelho, diz respeito ao apelo feito aos pecadores, sem distinção, ao arrependimento e à fé; esta é designada como o chamado de Deus (Pv.8:4; Mt.22:14). O surpreendente é que, no Novo Testamento, quase que sem exceção, os termos quando são usados aplicam-se à chamada para salvação, aquela chamada que é eficaz, associada à predestinação, por um lado, e união com Cristo, justificação e glorificação, por outro.

Quando usamos o termo "Chamada" não fica evidente de imediato a que estamos nos referindo. A chamada de Deus apresenta várias aplicações. Ela é usada em relação a chamada através da qual, na providência de Deus, somos conduzidos a desempenhar uma determinada vocação (I Co. 7:20-24).

Passagens tais como Romanos 8:28-30, I Coríntios 1:9; Salmo 1:15 indicam claramente o que está incluído nessa proposição. Esse uso predominante demonstra que quando usamos essa palavra, sem outras qualificações, deveríamos estar pensando na chamada eficaz. Se estivermos sendo governados pelo padrão do Novo Testamento, deixa de ser necessário especificar através da introdução do termo "eficaz". O que está implícito nesta palavra encontra-se incluído na simples designação de "a chamada". Ela se encontra no domínio da aplicação da redenção.

A PRIORIDADE

Muito embora não esteja envolvida uma questão teológica fundamental, mais especificamente na soteriologia, se à regeneração fosse concedida prioridade na aplicação da redenção, a evidência demonstra que a chamada ocuparia essa posição prioritária. Se deixamos de dar a ela o lugar que as considerações exegéticas exigem, perdemos uma grande parte da ênfase das Escrituras e nos expomos à possibilidade de passar por cima daquilo que pertence ao seu caráter individual e específico. A passagem chave que evidencia a sua prioridade encontra-se em Romanos 8:29,30. Existem tantas indicações de uma ordem nessa passagem que somos compelidos a considerar o apóstolo como que anunciando a mesma: chamada, justificação e glorificação no versículo 30, e também estabelecendo a chamada como um ato da graça diretamente associado à predestinação ("aos que predestinou, a esses também chamou") e como algo que, no domínio da aplicação, faz com que esta se expresse. Outras passagens, em particular aquelas encontradas nas epístolas paulinas, providenciam uma forte presunção em favor da conclusão que Romanos 8:29,30 exige (I Co.1:9; Gl.1:15; II Tm.1:9; I Pe.2:9; 5:10; II Pe.1:10).

O AUTOR

Deus é o autor. "*Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor*" (I Co.1:9). "*Participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus, que nos salvou e nos chamou com santa vocação*" (II Tm.1:8,9. Veja também Gl.1:15; I Ts.5:23-24; II Ts. 2:13-14; I Pe.5:10). Esta ênfase sustentada deveria servir de alerta para

Ir Para Página Nº

Editorial 02
A Atitude de Calvino Diante da Predestinação .. 03
Doutnna da Eleição 04
Os Decretos Eternos de Deus 05
Eleição por Graça 09
Eleição Incondicional 16
Oração Arminiana e Oração Calvinista 19
A Soberania Divina 20
João Calvino e a Doutnna da Reprovação 22
Cofissão de Fé de Westminster 24
A Chamada 25
Predestinação Uma Visão Bíblica 28
Por que Deus Resolveu Salvar Alguns 31
O Movimento Carismático – 3 32

considerarmos que a chamada é um ato da graça de Deus, comparável neste aspecto, à regeneração, justificação e adoção. É um ato de Deus e dEle somente e não deriva sua definição a partir de quaisquer atividades da nossa parte, tais como a fé, o arrependimento ou conversão. A chamada não deve ser definida com base nos termos em que ocorrem as respostas que aqueles que são chamados apresentam diante deste ato da graça de Deus. À medida em que examinamos as passagens, este fato é forçosamente lançado à nossa atenção e a lição fica aparente. A aplicação da redenção começa com um ato da graça de Deus que não deriva nada de seu caráter a partir de qualquer atividade nossa. A pura soberania da graça de Deus não fica suspensa no início do processo de aplicação.

No entanto, estamos negligenciando algo precioso quando nos esquecemos que é Deus, o Pai, que dá início à salvação, em sua apropriação real, por meio da chamada de Sua graça soberana.

Deus, o Pai, é especificamente o autor. A evidência em favor dessa afirmação é abundante (Rm.8:30; I Co.1:9; Gl.1:15; Ef.1:17-18). Este aspecto do ensino bíblico passa freqüentemente sem ser observado e é estranho que estudiosos das Escrituras passem por cima do mesmo e negligenciem-no. Mas quão significativo é o fato de que Deus, o Pai, é o agente iniciador da aplicação! Ele é ativo na constituição do vínculo que faz união com aquilo que Ele determinou em Seu eterno conselho e realizou através da obra redentora de Seu Filho. É Deus, o Pai, quem justifica e adota. Ele também santifica. No entanto, estamos negligenciando algo precioso quando nos esquecemos que é Deus, o Pai, que dá início à salvação, em sua apropriação real, por meio da chamada de Sua graça soberana. Para isso nos valemos das palavras usadas por Jesus: "Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim" (Jo.6:37).

O CARÁTER

I. UM ATO. Todos os dados contidos na revelação indicam que a chamada é um ato e não um processo. Os que são chamados, são chamados para serem santos (Rm.1:7; I Co.1:2) e a santidade no Novo Testamento designa um estado constituído. A chamada introduz na comunhão de Cristo (I Co.1:9), um relacionamento estabelecido de uma vez por todas. É uma chamada das trevas para a maravilhosa luz de Deus (I Pe.2:9), para Seu próprio reino e glória (I Ts.2:12).

Um Propósito Eterno. Fica claro, a partir de Romanos 8:28-29 que somos chamados de acordo com um propósito e este é definido em termos de pré-ciência e predestinação.

II. CONVOCAÇÃO EFICAZ. Quando consideramos o destino para o qual a chamada é dirigida - a comunhão de Cristo, o reino de Deus, a luz maravilhosa de Deus, santidade, a glória e virtude de Deus - o pensamento que ocorre é de ter sido introduzido nas bênçãos a ele relativas. Existe uma ação determinada e a chamada é investida com a eficácia que liberta para um destino determinado. A chamada é uma ação de Deus e não pode ser frustrada.

III. IMUTABILIDADE. Romanos 8:28-30 demonstra esta característica acima de qualquer disputa. A chamada é de acordo com o propósito de Deus; ela tem seu lugar no centro da corrente cuja fonte se encontra no pré-conhecimento ("de antemão conheceu") e o seu resultado final é a glorificação. A proeminência dada à fidelidade de Deus em conexão com o chamado, uma fidelidade que assegura a confirmação e a preservação até o fim, é a garantia de que o chamado de Deus é sem arrependimento de Sua parte. Quando Paulo diz que "*Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de Seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor*" (I Co.1:9), isso tem o propósito de assegurar que "*vos confirmará até ao fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo*" (I Co.1:8). E quando ele diz: "*Fiel é o que vos chama, o qual também o fará*" (I Ts.5:24), é com a finalidade de assegurar àqueles que são chamados que eles serão santificados completamente, sendo conservados por completo, e que serão irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (I Ts.5:23).

VI. ALTA, SANTA, CELESTIAL (Fp.3:14; II Tm.1:9; Hb.3:1) em sua origem, no seu caráter intrínseco e no seu destino.

O PADRÃO

Existem duas considerações de importância particular:

1. Um Propósito Eterno. Fica claro, a partir de Romanos 8:28-29 que somos chamados de acordo com um propósito e este é definido em termos de pré-ciência e predestinação. Esse propósito é eterno, de acordo com o que se encontra em II Tm.1:9: "conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos". Dessa forma, a pré-ordenação pertencente à predestinação para ser conforme à imagem do Filho é o cenário no qual a chamada tem o seu lugar. A conseqüência de tudo isto é que, uma vez que o propósito determinado não pode ser frustrado, a chamada não pode deixar de cumprir o seu propósito, tampouco sua graça ser revertida.

2. O propósito foi concebido em Cristo. A chamada introduz seus participantes na união com Cristo. No entanto, a chamada ocorre em acordo com a união com Cristo e, portanto, ela é precedente a esta. Novamente, aqui fica ilustrado a co-extensão particular do desígnio e sua concretização. Não se trata somente de que o propósito estava em Cristo Jesus, mas a graça que o propósito abrange e foi-nos concedida "em Cristo Jesus" refere-se aos chamados antes que eles existissem e an-

tes que eles fossem efetivamente convocados. A diferença entre a comunhão com Cristo constituída pela chamada e a união precedente com Ele, deve ser mantida. O propósito eterno jamais deve ser concebido à parte de Cristo, e jamais devemos imaginar o chamado em si mesmo à parte da comunhão com Cristo à qual introduz. O propósito é o propósito do Pai; a chamada é um ato do Pai. Mas, nem o propósito nem a chamada existem separados de Cristo e temos, consequentemente, um outro exemplo de uma relação intertrinitária. De forma significativa ela aparece logo no início da aplicação da redenção.

O propósito eterno jamais deve ser concebido à parte de Cristo, e jamais devemos imaginar o chamado em si mesmo à parte da comunhão com Cristo à qual introduz.

PROPÓSITO FINAL

A comunhão de Cristo (I Co.1:9); a comunhão com os santos (Co.3:15); a paz de Deus e a boa vontade para com todos os homens (I Co.7:15; Gl.1:15-16, I Pe.3:9); a santidade (I Ts. 4:7; 5:23,24), a luz (I Pe.2:9); a liberdade (Gl.5:13); a esperança (Ef.1:18; 4:4); paciência diante da perseguição (I Pe.2:20,21); o reino da glória de Deus (I Ts.2:14; I Tm.6:12; I Pe.5:10; Hb.9:15; Ap.19:9).

AS OBRIGAÇÕES

Uma vez que se trata de um chamado elevado (Fp.3:14), um chamado celestial (Hb.3:1) e um chamado santo (2 Tm.1:9), as obrigações correspondem à dignidade envolvida nessa características. Devemos andar de maneira digna dela e do Deus que nos chamou.

A exortação de Pedro (2 Pe.1:10) é particularmente digna de nota. Ele destaca a fonte da salvação e o início real de sua realização, ações essas que não especificamente pertencentes ao Pai.

DEFINIÇÃO

A chamada é a convocação eficaz da parte de Deus o Pai, de acordo com e na consecução de Seu eterno propósito em Cristo Jesus, endereçada a pecadores mortos em delitos e ofensas; uma chamada que introduz os mesmos na comunhão com Cristo e na possessão da salvação da qual Ele é a personificação; uma chamada imutável em Seu caráter, em razão do propósito da qual procede e da união que efetua.

A chamada é a convocação eficaz da parte de Deus o Pai, de acordo com e na consecução de Seu eterno propósito em Cristo Jesus, endereçada a pecadores mortos em delitos e ofensas

Estas características, derivadas a partir de referências bíblicas, mostram claramente que a formulação teológica desta doutrina não obteve sucesso em colocar em destaque as características distintivas deste da graça de Deus. A definição do Breve Catecismo ilustra este defeito. Ela fala da chamada eficaz como uma obra quando, nos termos do uso do Catecismo, deveria ser designada como um ato tanto quanto a justificação e a adoção. Portanto, o Catecismo estabelece a chamada como sendo especificamente uma ação do Espírito Santo, enquanto que as Escrituras a ele se referem como sendo especificamente atribuída a Deus o Pai. De acordo com as palavras "obra do Espírito de Deus", o Catecismo define a ação em termos de efeitos subjetivos operados em nós pelo Espírito e da resposta de nossa parte abraçando a Cristo pela fé. Mas a ênfase que recai sobre Deus como autor deveria nos alertar que não podemos definir o ato em termos de nossa resposta, tampouco em termos dos fatores subjetivamente operantes necessários para produzir a resposta. Neste aspecto, a chamada precisa ser coordenada com a justificação e a adoção. Nenhuma delas tem lugar à parte da fé. No entanto, nenhuma delas deve ser definida em termos de fé, tampouco em termos de convicção, iluminação e atuações renovadoras do Espírito, as quais são necessárias á fé. O mesmo é verdadeiro em relação à chamada.

O fato de que a chamada é um ato de Deus e dEle somente, dever-nos-ia pressionar com o monergismo divino no início da salvação dentro do processo de posse da mesma. Tornamo-nos participantes da redenção por meio de um ato de Deus que nos instala no reino da salvação e todas as mudanças correspondentes que ocorrem em nós e em nossas atitudes e reações se constituem em resultado das forças salvadoras em operação no reino no qual, pelo ato soberano e eficaz de Deus, fomos introduzidos. A chamada, como algo pelo qual o propósito predestinador começa a operar, é, neste aspecto, decorrente da força única divina que atua segundo o próprio padrão da predestinação. É de Deus e somente dEle.

O fato de a chamada ser um ato de Deus, o Pai nos revela que Ele é o agente específico no ato inicial de aplicação e quando isto não é percebido ou suficientemente apreciado, privamos nossa fé de um elemento muito importante na economia da salvação. Pensamos no amor do Pai na eleição, em Seu amor que não poupou Seu Filho em fazê-lo pecado em nosso lugar. Somos tomados por uma admiração adoradora. Mas não nos esqueçamos do amor do Pai no ato inicial da salvação. É Ele quem instituí o vínculo com o Salvador e, portanto, leva-nos a possuir tudo aquilo que o Salvador é. É através do Pai que Cristo é feito para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção.

Traduzido de "Collected Writings of Johm Murray", Banner of Truth Trust, Págs. 161-166, 1977).

Predestinação Uma Visão Bíblica

Por: Túlio César Costa Leite

Um teste dos métodos de interpretação bíblica de Miguel Ângelo (acerca do 1º capítulo do livro Predestinação uma visão de Deus)

"Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora" (I João 4.1)

Miguel Ângelo, fundador da Igreja Evangélica Cristo Vive (Missão Apostólica da Graça de Deus), se propõe a expor a doutrina da predestinação. Esta doutrina, como todas as verdades bíblicas, é salutar quando compreendida corretamente. Infelizmente Miguel Ângelo não a ensina da maneira correta.

Miguel Ângelo, fundador da Igreja Evangélica Cristo Vive (Missão Apostólica da Graça de Deus), se propõe a expor a doutrina da predestinação. Esta doutrina, como todas as verdades bíblicas, é salutar quando compreendida corretamente. Infelizmente Miguel Ângelo não a ensina da maneira correta. Na realidade ele presta um desserviço à verdade bíblica distorcendo esta doutrina e ofuscando-a, ao colocá-la ao lado de vários e graves ensinos falsos, o que somos impulsionados a condená-los como heresias perniciosas já comprovadas pela história da Igreja e que nada mais é do que uma volta dos erros cometidos por hereges do passado, como pretendemos demonstrar a seguir.

O autor afirma: "Antes que nossos pais se relacionassem conjugalmente nós já tínhamos tido uma preexistência. Para mim, pessoalmente, seria muito triste se descobrisse que a minha existência começou quando eu nasci." Esta doutrina é considerada por ele fundamental: "Ao falarmos de pré-existência, vamos trazer ensinamentos bíblicos que são a alavanca de sustentação da vida espiritual do cristão." Seus textos de apoio são:

Efésios 1.4: "Assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele." Aqui o Miguel Ângelo força o texto de modo a desconhecer o propósito do autor, Paulo, quando está apenas afirmando que a eterna eleição é o fundamento e causa primeira tanto do nosso chamado como dos benefícios que recebemos de Deus. Calvino nos diz que Deus nos elegeu antes que o mundo viesse à existência com propósitos definidos: para sermos santos e irreprensíveis diante dEle. É algo do decreto eterno de Deus; algo gratuito. Vemos isto pela introdução da expressão "escolheu nele" (em Cristo). Se somos eleitos em Cristo é porque a eleição não tem base nos nossos merecimentos, mas porque Deus nos enxertou no corpo de Cristo. Não temos dignidade alguma para merecer (Calvino - Efésios, Editora Paracletos. Este é o ponto. O apóstolo não tem absolutamente nada em mente quanto à idéia de uma preexistência.

Jó 38.3-7: "Cinge, pois os teus lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber. Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se tens entendimento. Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases, ou quem lhe assentou a pedra angular, quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?" Jó 38.21: "Tu o sabes, porque nesse tempo eras nascido, e porque é grande o número dos teus dias." Com respeito a este texto, Miguel Ângelo conclui que Deus estava afirmando que Jó já existia quando a terra foi criada. Porém a conclusão correta é exatamente oposta. Todo o contexto do capítulo 38 fala do Senhor! É

Ir Para Página Nº

Editorial 02
A Atitude de Calvino Diante da Predestinação .. 03
Doutrina da Eleição 04
Os Decretos Eternos de Deus 05
Eleição por Graça 09
Eleição Incondicional 16
Oração Arminiana e Oração Calvinista 19
A Soberania Divina 20
João Calvino e a Doutrina da Reprovação 22
Cofissão de Fé de Westminster 24
A Chamada 25
Predestinação Uma Visão Bíblica 28
Por que Deus Resolveu Salvar Alguns 31
O Movimento Carismático – 3 32

Jó que não sabe nada, ele é finito enquanto Deus é infinito; Jó não estava com Deus quando a terra foi criada; a criatura Jó não sabe responder a nenhuma das perguntas de Deus, o criador.

Sobre Jó 38.3-7, o autor escreve: "Aqui está mostrando claramente que no ato da criação tu estavas lá e eu também". Claramente? Segundo o erudito mestre batista Donald Carson, "é perfeitamente adequado que um comentarista use expressões como 'obviamente', 'nada pode ser mais evidente' ou algo assim, quando ele já dispôs evidências tão irrefutáveis que a grande maioria dos leitores concordaria que o assunto abordado é evidente ou que o argumento é logicamente conclusivo. Contudo, é impróprio usar tais expressões quando argumentos opostos ainda não foram refutados definitivamente, e é uma falácia achar que as expressões em si acrescentam algo significativo à argumentação." (A exegese e suas falácias. São Paulo: Vida Nova, 1992. p. 115)

Mas estas são palavras que Miguel Ângelo gosta de usar: "Eu quero afirmar taxativamente [grifo acrescentado], à luz da Palavra de Deus, que nós realmente tivemos uma existência prévia." Não vejo o texto de Jó 38.3-7 mostrando "claramente" que eu estava com Deus quando ele criava o mundo. Basta ler o capítulo inteiro para chegar à conclusão oposta!

Um dos textos usados por Miguel Ângelo para "provar" a pré-existência da alma (que, diga-se de passagem, foi totalmente refutada e rejeitada pelos Pais da Igreja por ensinar implicitamente a mortífera idéia da divinização do homem) é Jr 1.5: "Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci". Aqui ele comete um erro exegético conhecido como "especificação exagerada". Uma vez que esse é um erro em que ele incorre na análise de outros textos, faremos bem em prestar atenção nas palavras de Carson, para uma análise mais detalhada: "Provavelmente, a especificação exagerada não é menos comum. Sire apresenta um interessante exemplo na análise Mórmon de Jr 1.5, onde Deus dirige-se a Jeremias nestes termos: "antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e antes que saísses da madre, te consagrei e te constituí profeta às nações". Os mórmons reivindicam este texto para justificar sua opinião de que Jeremias realmente existiu como um "espírito de criança", como uma "inteligência" antes de ser concebido. As palavras de Jeremias 1.5 quase poderiam ser consideradas assim se houvesse razões contextuais para se pensar que este é seu significado; tais razões, porém, são completamente inexistentes. O que os mórmons estão realmente fazendo é recorrendo ao seu livro Pérola de Grande Valor para apresentarem o conteúdo de sua doutrina, fazendo uso da Bíblia em um ponto verbalmente ambíguo e especificando demais o que o texto diz, a fim de reivindicar a autoridade bíblica. Infelizmente, às vezes os evangélicos caem na mesma armadilha. Já ouvi pregadores argumentarem, por exemplo, baseando-se na passagem 'e lhes enxugará dos olhos toda lágrima' (Ap 21.4), que no juízo dos crentes haverá uma grande catarse à medida que nossos pecados forem expostos e então eliminados para sempre; mas isto com certeza é, especificar demais o texto, enxergar nele um elemento restrito e limitador que não pode ser demonstrado no texto em si. Apoiar-se na Palavra de Deus compromete-nos não só a crer em tudo o que a Bíblia diz, mas também a evitar ultrapassar o que está escrito (1 Co 4.6)". (A Exegese e suas Falácias, p.106-107).

Especificar demais o texto ou ultrapassar o que está escrito é só o que Miguel Ângelo faz no primeiro capítulo do seu livro. Por exemplo, em sua análise de Gn 1.26: "Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". "Deus não estava falando em Pai, Filho e Espírito Santo. Não há o Deus Pai, o Deus Filho e o Deus Espírito Santo. Quem diz isso é a tradição". O autor está negando a doutrina da Trindade, como ensinada nos Credos de Nicéia e Atanásio, e confessada pelos maiores líderes cristãos da história, como Atanásio, Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero, Calvino, Edwards, Wesley e Barth. De fato, ele é mais claro no final do livro: "Agora nós sabemos que existe um só Deus que é Jesus Cristo, o Soberano e único Senhor, o qual teve três manifestações: o Pai na Criação, o Filho na Redenção e o Espírito Santo que manifesta sua graça no seio da Igreja de Jesus Cristo" (p. 88).

Ao falar que "quem diz isso é a tradição" ignorando uma das doutrinas mais sólidas e centrais da Bíblia (como se pode ver no estudo do Evangelho de João), ele novamente se afasta do Cristianismo ortodoxo e se aproxima de doutrinas heréticas, como o arianismo das Testemunhas de Jeová ou, mais precisamente, o sabelianismo (De Sabellius - terceiro século - uma heresia envolta no chamado monarquianismo modalista e condenada pela Igreja primitiva) que ensinava que o Pai, o Filho, e o Espírito Santo não são Pessoas mas três modos de manifestações de Deus. Em vez de afirmar as distinções relacionais da Trindade (conhecida tecnicamente como Trindade ontológica), eles impunham à Divindade confusão. Isso é trazer de volta para a Igreja uma grave heresia. Não podemos comungar com hereges. São falsos profetas.

Mais um exemplo: "O início daqueles que não estão inscritos no livro da vida, se deu no momento em que Deus, para justificar a sua ira, por causa do pecado dos primeiros pais, permitiu que Satanás depositasse a sua semente no ventre de Eva". O que ele quer dizer com isso? Que o pai de Caim não foi Adão, mas Satanás? Que o sêmen que fecundou o óvulo de Eva veio do diabo? Será que Miguel Ângelo está defendendo que uma alma permite divisão? Que poderia se originar só da mãe? Que haveria uma forma de encarnação de espíritos pré existentes (incorporação - não reincarnação) e como tal, um espírito malígno teria sido colocado no ventre de Eva? Não seria isto uma forma de tradu-

cionismo "inventado", equivocado? No capítulo intitulado "Predestinação x Defeitos do Pecado Original" o autor é dogmático ao afirmar: "Sabemos que existem duas sementes sobre a terra. A semente da benção e a semente da maldição. Se tu não acreditares nisto, podes mudar de vida e encostar a tua Bíblia porque está te enganando a ti mesmo." (p. 99). Com esta interpretação da preexistência dos espíritos e a idéia de que Satanás depositou a sua semente no ventre de Eva surge uma interpretação equivocada da parábola do Joio ("os filhos do maligno"); da ira de Deus por Esaú em Rm 9:13 (filho do maligno - semente depositada em Eva) e porque os judeus não entendiam a mensagem de Jesus - porque "vós sois do diabo, que é vosso pai...não me dais ouvidos porque não sois de Deus" (Jo 8:44,47). Dessa forma, penso eu, o autor poderia explicar a doutrina da reprovação de Deus, não baseado em Sua soberania e vontade, mas como condenação daqueles que neles está a semente maligna depositada no ventre de Eva. Isso é ir de encontro a todo e qualquer pensamento sobre a reprovação de Deus (especialmente de Calvino); é tentar explicar o que nunca se explicou e quando isso acontece, disse Calvino, o homem peca.

Com respeito, ainda, a questão de Satanás ter depositado sua semente no ventre de Eva, podemos encontrar ensino semelhante no livro Princípio Divino, de Sun Myung Moon, o fundador da "igreja" da unificação. Este livro, considerado sagrado pelos seguidores da "igreja" da unificação, contém as revelações que Moon afirma ter recebido durante um período de 7 anos. Segundo o Princípio Divino, Satanás, antes de cair, tinha inveja do amor de Deus para com o ser humano. Também olhava para Eva, para a sua beleza, e a cobiçava, acabando por ter relações sexuais com ela. Como resultado da relação com Satanás, Eva gerou Caim. "Caim, fruto do primeiro amor". (Princípio Divino, p. 185, conforme citado em CARRIKER, C. Timothy. Eu sou seu cérebro (a sedução da igreja da unificação). Campinas: s/ed., p. 86). Embora as implicações desta "relação" sejam diferentes nos ensinos de ambos, o ponto de partida parece ser igual.

Miguel Ângelo diz que "estou pregando e ensinando o que nunca ninguém ensinou. Esta é a razão da minha existência na obra de Deus. Pregando com tenacidade nas rádios, na TV, nos púlpitos e em todos os lugares onde vou". Ele está, de fato, pregando doutrinas que nunca ninguém ensinou na Igreja de Cristo. Mas demonstra total desconhecimento da história da Igreja, ao ressuscitar heresias que já existiam no século III. Segundo Carson, "um famoso seminário sustenta que um método exegético apropriado garantirá uma qualidade de exegese tão alta que a teologia histórica pode ser seguramente ignorada. Não imagino uma forma melhor de cultivar o solo de onde brotam a heresia ou o tipo mais superficial de tradicionalismo." (A Exegese e suas Falácias, p.125). Ou seja, o mestre que ignora a história da igreja, as suas controvérsias teológicas, a formação das doutrinas, como a Trindade, as duas naturezas de Cristo, a autoridade e suficiência das Escrituras, entre outras, é alguém que arrisca-se a cair na heresia.

Se alguém sustenta doutrinas que não foram ensinadas pela igreja ao longo de sua longa história, deveria examinar-se seriamente para ver se está certo. Mas se alguém ensina doutrinas que já foram condenadas pela Igreja como contrárias às Escrituras (sabelianismo, pré-existência da alma, etc.) não pode considerar-se como cristão.

Segundo o erudito Gordon Fee, "um texto não pode significar o que nunca significou (...) Alguém decerto perguntará: 'Mas não é possível para um texto ter um significado adicional (ou mais pleno, ou mais profundo), além da sua intenção original? Afinal das contas, assim acontece no próprio NT na maneira em que às vezes emprega o AT.' No caso da profecia não fecharíamos as portas a semelhante possibilidade, e argumentaríamos que, com controles cuidadosos, um segundo significado, ou um significado mais pleno é possível. Mas como o justificaríamos noutros aspectos? Nosso problema é simples. Quem fala em nome de Deus? O catolicismo romano tem menos problemas aqui, o magistério, a autoridade com que o ensino oficial da igreja é investida, determina para todos o sentido mais pleno do texto. Os protestantes, no entanto, não tem magistério (neste sentido), e devemos ficar profundamente preocupados sempre que alguém diz que tem o significado mais profundo de um texto dado por Deus, - especialmente se o texto nunca significou aquilo que agora é forçado a significar. De tais coisas nascem as seitas, bem como inúmeras heresias menores. (FEE, Gordon D. & STUART, Douglas. Entendes o que lês? São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 27)

No primeiro capítulo, o autor do livro Predestinação uma visão de Deus faz uma mistura confusa de unitarismo - predestinação - pré-existência da alma - teologia da prosperidade - ultra-dispensacionalismo. Muitas vezes o autor passa de um para outro assunto na mesma frase, como, por exemplo, na análise altamente duvidosa de Rm 5.19 ("Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos") - "Só há um Deus - Jesus Cristo. E foi por meio dele que muitos se tornaram justos. E por meio dele reinamos em vida. Quando eu recebo um testemunho de uma pessoa que conseguiu uma casa, sem precisar nada pagar, eu estou vendo uma pessoa reinando". Isso não é exegese, é distorção, invenção!

Como diz o teólogo luterano Valdir Pedde, o atual movimento pentecostal tem conseguido captar as mais diversas tendências para dentro da sua vivência religiosa. Em grande parte é dessa grande versatilidade do pentecostalismo que vem sua força. Ele tem grande facilidade de agregar ao seu discurso práticas e conceitos tanto culturais como religiosos de diversas procedênci-

as. Isto é perigoso, porque o cristianismo, que sempre sofreu ameaças de ser cooptado pela cultura de seu tempo (e por vezes sucumbiu a ela), mais uma vez está diante deste desafio. A cultura do prazer, do individualismo, das soluções mágicas de nosso tempo, de um deus que pode ser manipulado através de técnicas, tem agora o seu representante cristão. A partir desse quadro, podemos facilmente perceber que o resultado será o de uma espiritualidade secularizada. (O poder do pentecostalismo: a experiência do Espírito Santo. Estudos Teológicos Ano 37 Nº 3. São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia - IEPG/IECLB, 1997).

Na introdução, Miguel Ângelo diz, "como poderia eu, Apóstolo do Senhor, ocultar estas verdades..." O autor se auto-intitula "apóstolo" (o que, por si, já é duvidoso), considera o ensino da pré-existência da alma "essencial", diz que a doutrina da Trindade é "tradição", ignora a história da igreja, não pratica exegese (que procura o real significado do texto) mas uma exegese (palavra técnica que descreve o ato de um intérprete impor ao texto suas idéias), e diz que seus ensinos são a razão de ser de sua vida. Todos esses são sinais inquietantes de uma conformidade acelerada com os sinais do falso mestre e de uma caminhada para o rompimento definitivo dos laços de comunhão com a igreja cristã. Quem conhece a história da igreja sabe que os Mórmons, os Testemunhas de Jeová, a Ciência Cristã, os Adventistas do 7º Dia, entre outros começaram da mesma forma.

Túlio César Costa Leite

NOTAS DO EDITOR

1. É bom lembrar que a palavra "conheci" tem o mesmo significado de "escolhi" ou o sentido de amar. É o que vemos em Amós 3:2. Na versão Revista Corrigida lemos: "De todas as famílias da terra a vós somente conheci", mas na versão Revista e Atualizada lemos: "De todas as famílias da terra somente a vós outros vos escolhi". O que o autor está dizendo não é que Deus não conhecesse as outras nações da terra, isto é óbvio, mas que de entre todos os povos da terra só a Israel Ele amou ("Com amor eterno eu te amei, por isso com benignidade te atrai" - Jr 31:3), só a Israel Deus colocou seu amor eterno, só a ele escolheu. O mesmo ocorre em Romanos 8: 29 - "Portanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou...". Aqui, também, o sentido é de amar de antemão, colocar sobre escolhidos o Seu amor Portanto, não há nenhuma idéia préexistencialista em Jr 1:5. Há, sim, uma eleição eterna, uma escolha eterna para que ele fosse profeta de Deus. Não vamos colocar o que não existe.

2. O que nós reformados defendemos é que "Adão escolheu o curso da desobediência, corrompeu-se pelo pecado, tornou-se culpado aos olhos de Deus e, como tal, sujeito à sentença de morte. E porque ele era o representante federal da raça, sua desobediência afetou os seus descendentes todos. Em Seu reto juízo, Deus imputa a culpa do primeiro pecado, cometido pelo chefe da aliança, a todos quantos se relacionam federalmente com ele. E, como resultado, nascem também numa condição depravada e pecaminosa, e essa corrupção inerente envolve culpa também." (Teologia Sistemática - Louis Berkhof). Que Deus escolheu incondicionalmente alguns para a salvação e outros para a perdição é uma evidência bíblica. Calvino comenta sobre isso lembrando o que Jesus disse: "Toda árvore que meu Pai não plantou será arrancada" Mt 15:13). "Isto significa plenamente que todos aqueles a quem o Pai não condescendeu em plantar como árvores sagradas no seu campo, estão marcados e votados à destruição". Calvino sempre usou a Escritura para fazer sua afirmações: São "...vasos de ira para perdição". "...vasos para desonra" (Rm 9:21-22) - A Doutrina da Predestinação Em Calvino, Editora SOCEP. Calvino nunca teve receio de afirmar:

"Chamamos predestinação ao eterno decreto pelo qual deus determinou, em si mesmo, aquilo que deve ocorrer a cada homem, pois os homens não são todos criados em igual condição; ao contrário, uns são pré ordenados". (A Doutrina da Predestinação em Calvino - SOCEP).

3. Quando Calvino foi acusado de que Deus seria, neste caso, injusto, respondeu:

"O Senhor criou aqueles que, de antemão, já sabiam, haveriam de ser destinados à perdição, e determinou que assim fosse porque quis. Mas, porque Deus quis assim, não é de nossa alçada indagar, pois não poderemos compreender a razão de Deus. Nem é próprio que entre nós se estabeleça a discussão da divina vontade, vontade da qual se faz menção tantas vezes nas Escrituras, e sob cujo nome se anuncia a suprema regra de justiça". (A Doutrina da Presdestinação em Calvino - SOCEP).

4. Só com a análise de um capítulo do livro Miguel Ângelo já se percebe que nós reformados não temos nada a ver com os conceitos apresentados por Miguel Ângelo sobre Predestinação, Trindade, Cristologia, Sotereologia, História da Igreja, etc. Jesus disse: "Acautelai-vos dos falsos profetas que se vos apresentam disfarçados em ovelhas... (Mt 7:15).

Por Quê?

Por que razão Deus resolveu salvar algumas pessoas específicas e deixou as demais entregues à condição de seus próprios corações, para terem aquilo que preferem? Paulo fornece-nos a resposta em Romanos 9:22,23. Deus demonstra o seu imenso poder (vv. 22,17), e as riquezas de sua misericórdia gloriosa (v.23). Isto concorda com o que Paulo disse em Efésios 1.6,12,14 e 2:7. Deus fez isso tudo por amor a si mesmo. A Sua graça e misericórdia gloriosas serão exibidas por todo o céu e por toda a terra, para louvor de seu nome! Isto para você parece egoísmo e egocentrismo? Lembre-se que você é mero barro nas mãos de um soberano Oleiro!

Robert B. Selph

Movimento Caristmático Uma Crítica Bíblica – 3

Por: Brian Schwertley

A Bíblia ensina que os sinais são eventos públicos, visíveis e miraculosos. O seu propósito não era o de proporcionar aos crentes cultos eletrizantes ou uma experiência maravilhosa, mas de conferir autenticidade à mensagem divina, para provar publicamente que aquele que estava operando os milagres fora enviado por Deus. "Em Êxodo 4:5 Deus disse a Moisés que esse operasse milagres 'para que creiam que te apareceu o SENHOR, Deus de teus pais.' Dessa forma os milagres atestaram a missão divina de Moisés".

Sinais e Milagres

Os carismáticos acreditam que os dons e sinais miraculosos, incluindo a "cura pela fé", são normativos para os dias de hoje. Por isso, eles crêem que milagres dramáticos ainda continuam a ocorrer na igreja. O protestantismo histórico ensina que os dons sobrenaturais tiveram um propósito específico na igreja apostólica (o de autenticar o ensino dos apóstolos. Uma vez que os ensinamentos inspirados pelo Espírito sobre a pessoa e a obra de Cristo foram registrados nas Escrituras, os dons cessaram, porque já não eram mais necessários. Para determinar se os sinais e milagres ainda continuam normativos, nós precisamos responder a três perguntas: Qual é o propósito dos sinais e milagres? Esses dons cessaram após a conclusão do cânon do Novo Testamento? Os milagres que supostamente ocorrem hoje em dia são iguais aos que aconteceram nos dias de Cristo e dos apóstolos?

A Bíblia ensina que os sinais são eventos públicos, visíveis e miraculosos. O seu propósito não era o de proporcionar aos crentes[39] cultos eletrizantes ou uma experiência maravilhosa, mas de conferir autenticidade à mensagem divina, para provar publicamente que aquele que estava operando os milagres fora enviado por Deus. "Em Êxodo 4:5 Deus disse a Moisés que esse operasse milagres 'para que creiam que te apareceu o SENHOR, Deus de teus pais.' Dessa forma os milagres atestaram a missão divina de Moisés".[40]

Elias foi enviado a morar com uma viúva em Sarepta (1Rs 17). Depois do filho da viúva estar morto Elias orou a Deus e Deus ressuscitou o menino. Qual foi a reação da viúva? "Nisto conheço agora que tu és homem de Deus, e que a palavra da tua boca é verdade" (v 24). Quando, na Festa da Dedicação, perguntaram a Jesus se Ele era o Cristo, Ele respondeu: "Já vo-lo disse e não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai, testificam a meu respeito" (Jo 10:25). Nicodemos disse a Cristo: "Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele" (Jo 3:2). O cego de nascença censurou os fariseus por esses não saberem que Jesus havia sido enviado pòr Deus: "Nisto é de se estranhar que vós não saibais donde ele é, e contudo me abriu os olhos!... Se este homem não fosse de Deus, nada poderia ter feito" (Jo 9:30,33; cf Mt 9:6; 14:33; At 2:22). Os sinais que Jesus fazia autenticavam tanto Ele próprio como sua mensagem. O Seu maior sinal (milagre) foi, é claro, Sua ressurreição dentre os mortos (Mt 12:38-40).

O apóstolo Paulo disse aos coríntios que os milagres que ele operava provavam sua autoridade apostólica. "Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos" (2Co 12:12). Se milagres fossem algo comum nos dias de Paulo, tal afirmação não provaria nada. Milagres nunca foram um fim em si mesmos, mas autenticavam a mensagem apostólica na igreja do primeiro século. Quando Paulo e Barnabé pregavam, o Senhor "confirmava a palavra da Sua graça, concedendo que por mão deles se fizessem sinais e milagres" (At 14:3; Barnabé é chamado apóstolo no versículo 14).

Ir Para Página Nº

Editorial 02
A Atitude de Calvino Diante da Predestinação .. 03
Doutrina da Eleição 04
Os Decretos Eternos de Deus 05
Eleição por Graça 09
Eleição Incondicional 16
Oração Arminiana e Oração Calvinista 19
A Soberania Divina 20
João Calvino e a Doutrina da Reprovação 22
Cofissão de Fé de Westminster 24
A Chamada 25
Predestinação Uma Visão Bíblica 28
Por que Deus Resolveu Salvar Alguns 31
O Movimento Carismático – 3 32

O autor de Hebreus pergunta "Como escaparemos nós se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres, e por distribuições do Espírito Santo segundo a Sua vontade" (Hb 2:3-4). O texto se refere àqueles que ouviram a Cristo (os apóstolos. O pré-requisito para ser um apóstolo era ter visto o Cristo ressurreto (At 1:21-22; cf 1Co 9:1). Paulo disse que Cristo ressurreto foi visto por "Cefas, e depois, aos doze. Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez...Depois foi visto por Tiago, mais tarde por todos os apóstolos, e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim..." (1 Co 15:7-8).A Se o propósito dos sinais era de autenticar os apóstolos como verdadeiros mensageiros de Deus, então, agora que os apóstolos já morreram, eles não são mais necessários; eles já cumpriram o seu propósito. E se um desses curadores modernos disser que viu Cristo ressuscitado ele é um mentiroso.

A Bíblia ensina que os sinais são eventos públicos, visíveis e miraculosos. O seu propósito...era...de conferir autenticidade à mensagem divina, para provar publicamente que aquele que estava operando os milagres fora enviado por Deus.

B. B. Warfield fez intensivo estudo histórico sobre milagres e concluiu que eles realmente cessaram após a morte dos apóstolos[42]. Ele observou que na proporção que as heresias e superstições cresciam na igreja papista, cresciam também os "milagres". Tais "milagres" eram obviamente fraudulentos, porque eram associados com heresias, idolatrias e superstições grosseiras (e.g., ser aspergido com o leite de Maria, tocar um pedaço da cruz, ou colocar elementos da eucaristia na testa das pessoas). A Reforma, com sua sólida Teologia bíblica, descartou todos esses absurdos e conduziu o povo de volta à pura, infalível e suficiente Palavra de Deus. Infelizmente, o Movimento Carismático está deixando a pureza das doutrinas da Reforma e retornando ao subjetivismo, misticismo e à superstição de Roma.

O fato de que as línguas estiveram ausentes durante mil e oitocentos anos e o fato de que os dons de cura que os apóstolos possuíam não se evidenciaram mais depois que eles morreram certamente deveria nos fazer parar para pensar. O testemunho da História da Igreja parece ser de que o Espírito não continuou a conferir esses dons ao povo de Deus, ainda que Ele tenha continuado a guiar a verdadeira igreja a toda a verdade. Se fosse para que esses dons miraculosos permanecessem na igreja, por que então eles desapareceriam? Se esses dons são tão essenciais para a vida da igreja, por que Deus os negaria ao Seu povo? A conclusão parece inevitável: esses dons nunca tiveram o propósito de permanecer na igreja.[43]

O fato de que as línguas estiveram ausentes durante mil e oitocentos anos e o fato de que os dons de cura que os apóstolos possuíam não se evidenciaram mais depois que eles morreram certamente deveria nos fazer parar para pensar.

Se verdadeiros e fantásticos sinais e milagres continuam ocorrendo hoje em dia eles deveriam ser fácil e objetivamente comprovados. Uma breve comparação entre o dom de cura neotestamentário e o praticado pelos carismáticos provará que os falsos curadores da fé carismáticos são uma fraude. Jesus e os apóstolos curaram muitas pessoas com uma palavra ou um toque (e.g., Mt 8:6,7; At 9:32-35). Eles curavam instantaneamente (Mt 8:13; Mc 5:29; At 3:2-8). Eles curavam completamente, não parcialmente (Jo 9:7; At 9:34). Eles eram capazes de curar qualquer um que cresse (Lc 4:40; At 5:12-16; 28:9). Eram capazes de curar sérias doenças orgânicas, corpos aleijados e defeitos de nascença (Lc 6:6,17; Jo 9:7; At 3:6-8 ; 5:16; 8:7). Eles expulsavam demônios (Lc 10:17; 13:32; At 10:38) e ressuscitavam os mortos (Lc 7:11-16; Mc 5:22-24, 35-43; Jo 11:43,44; At 9:26-42; 20:9-12).

Há uma série de discrepâncias entre os milagres de cura da Bíblia e o que supostamente está ocorrendo hoje em dia. Muitas das curas operadas por Jesus e os apóstolos aconteceram em lugares públicos, diante de incrédulos. Eles não faziam nenhum culto de libertação, curavam as pessoas ali mesmo, ao ar livre, até mesmo na frente de seus inimigos (e.g., Lc 5:22-26; At 3:4-10). Você já viu algum desses modernos curadores da fé ir até um grande hospital e curar os doentes? Já viu algum curar alguém nas escadarias da prefeitura, em um shopping center ou em um parque público? Se esses curadores da fé têm a mesma capacidade que os apóstolos, por que eles operam suas "curas" nas igrejas, diante de pessoas que já crêem? Sinais são para os incrédulos; crentes não precisam ser convencidos de que Jesus é o Cristo (eles já crêem nisso.

Cristo e os apóstolos curaram pessoas que geralmente eram conhecidas por sofrerem de alguma enfermidade. Pedro curou um homem coxo de "nascença" que mendigava diariamente no templo. Depois disso as pessoas "reconheceram ser ele o mesmo que esmolava, assentado à porta Formosa do templo; e se encheram de assombro, por isso que lhe acontecera" (At 3:10). Cristo curou um homem que não podia andar havia trinta e oito anos, o qual se encontrava diariamente no tanque chamado Betesda (Jo5:2-15). Se você for a um típico culto de cura pela fé, o que você verá ali? Um lugar repleto de pessoas totalmente desconhecidas. Qualquer uma poderia jogar fora um par de muletas e ninguém saberia realmente se uma cura acontecera ou não. Por que os curadores modernos não fazem o que Cristo e os apóstolos fizeram e operam uma cura públi-

ca em alguém que todos sabem que é aleijado? A resposta é simples: porque eles não podem!

Aqueles que alegam ter o dom da cura parecem nunca sair de suas tendas, seus tabernáculos ou seus estúdios de televisão. Parece que eles sempre precisam exercer o seu dom em um ambiente controlado, encenar suas atitudes, e ter tudo acontecendo conforme programado. Por que não ouvimos mais do dom de curar sendo usado nos corredores dos hospitais? Por que os curadores não utilizam seus dons em lugares como a Índia ou Bangladesh? Por que eles não estão nas ruas onde se encontram multidões de pessoas afligidas por enfermidades? Isso não acontece. Por quê? Porque aqueles que alegam ter o dom da cura na verdade não o possuem.[44]

Aqueles que alegam ter o dom da cura parecem nunca sair de suas tendas, seus tabernáculos ou seus estúdios de televisão.

Se curas milagrosas ainda continuassem a ocorrer hoje em dia, seria muito fácil comprová-las. Qualquer um poderia levar uma filmadora portátil a uma cruzada de cura e filmar o milagre para que todos vejam. Mas por que isso não acontece? Porque as supostas curas que acontecem hoje em dia não provam nada. As curas tipicamente operadas pelos carismáticos tratam de dor nas costas, hemorróidas, pessoas com uma perna mais longa que a outra (não com meio metro de diferença, mas apenas um centímetro), dores de cabeça, etc. Cristo restaurou a mão de um homem que estava sem vida e ressequida; a mão "ficou sã como a outra" bem diante dos inimigos de Cristo (Lc 6:10). Eles não puderam negar o milagre. Em outra ocasião, Jesus curou a orelha de um homem, a qual havia sido cortada, bem na frente de seus inimigos (Lc 22:51,52). Será que os curadores modernos de hoje estão curando membros amputados? Claro que não. Será que você pode ir a uma cruzada de cura e ver uma mão ressequida sendo restaurada bem diante dos seus olhos? Não, isso não acontece. Se os carismáticos curassem pernas aleijadas, mãos ressequidas, orelhas cortadas fora, olhos cegos, ouvidos surdos, paralisia, hemorragias, etc, como fizeram Cristo e os apóstolos, eles seriam manchete nos noticiários da noite. Infelizmente, os únicos curadores pela fé do movimento carismático que aparecem nos noticiários estão ali por fraude, adultério, roubo, prostituição e coisas do tipo.

Se você está freqüentando uma igreja carismática, sinta-se exortado a deixá-la e a freqüentar uma igreja que seja centrada na verdade revelada nas Escrituras.

Cristo e os apóstolos ressuscitaram mortos. Jesus ressuscitou o filho de uma viúva, que já estava no caixão; após o acontecido, a notícia do que Cristo havia feito "divulgou-se por toda a Judéia e por toda a circunvizinhança" (Lc 7:11-17). Ele trouxe à vida a filha de um dos principais da sinagoga (Mc5:35-43). Lázaro estava morto havia quatro dias e já começava a apodrecer. Quando Jesus "clamou em alta voz: Lázaro, vem para fora!", Lázaro ressuscitou dos mortos diante de muitos judeus (Jo 11:43-45). Paulo ressuscitou o jovem Êutico que havia morrido ao cair de uma janela (At 20:9-12). Ele provavelmente sofreu traumatismo craniano, teve ossos quebrados e sérios danos internos, no entanto foi curado completamente num instante. O apóstolo Pedro ressuscitou a piedosa viúva Dorcas (At 9:36-42).

Será que os "curadores da fé" estão ressuscitando mortos? Será que alguma vez eles já pararam no local de um acidente e trouxeram corpos despedaçados à vida, como Paulo fez com Êutico? Será que já se dirigiram até um caixão durante um funeral e simplesmente com suas palavras trouxeram o morto de volta à vida? "É interessante notar que aqueles que alegam possuir o dom da cura hoje em dia não gastam muito tempo em velórios e funerais. A razão é óbvia" (MacArthur, p. 145). Quando, nos programas de televisão, aparecem estórias de pessoas que supostamente morreram e retornaram à vida, essas estórias não podem ser comprovadas. Se os curadores carismáticos pudessem ressuscitar os mortos, como Cristo e os apóstolos, eles poderiam provar isso fazendo-o diante de um grande número de testemunhas.

Conclusão

A Bíblia ensina que os dons, sinais e milagres, serviram para um propósito determinado; uma vez que ele foi cumprido, os dons cessaram. As línguas modernas, as profecias e curas pela fé não se parecem em nada com o que aconteceu nos dias de Cristo e dos apóstolos. O testemunho objetivo da História é de que esses dons cessaram após o encerramento do cânon do Novo Testamento. Cristo e os apóstolos operaram seus milagres em público, até mesmo diante de seus inimigos. Nós desafiamos nossos irmãos carismáticos a fazerem o mesmo e provarem ao mundo e aos crentes não-carismáticos que esses dons são verdadeiros. Até que venham a existir evidências bíblicas e comprobatórias que sustentem as reivindicações carismáticas, nós devemos considerar as práticas carismáticas como enganosas e fraudulentas (2 Co 13:1). Ainda que creiamos que os "curadores da fé" de nossos dias vivem enganando a si mesmos e (deliberadamente ou não) cometendo fraudes, nós também cremos que Deus cura o seu povo, atendendo suas orações. Se você está freqüentando uma igreja carismática, sinta-se exortado a deixá-la e a freqüentar uma igreja que seja centrada na verdade revelada nas Escrituras. Deus não se impressiona com os grandes números, entretenimento tolo e com os falsos milagres dos pregadores carismáticos. Ele quer sim que você freqüente uma igreja que ensine a verdade e O adore da maneira que Ele determinou na Sua Pala-

vra.

39 - Os milagres operados por Cristo e os apóstolos não aconteceram em reuniões de avivamento ou em cultos. A maioria dos milagres registrados no Novo Testamento foi feita ao ar livre (em público. Os poucos milagres que ocorreram em locais mais reservados não se deram na igrejaA, mas na casa das pessoas (e.g.: filha de Jairo; Dorcas). O único registro de uma cura milagrosa ocorrida durante um culto na igreja primitiva está em At 20:7-12. Êutico cochilou durante o discurso de Paulo e caiu três andares abaixo, vindo a falecer. Paulo o curou no mesmo local onde caíra morto e depois o trouxe de volta ao culto. Não existe nenhum precedente bíblico, qualquer que seja, para os modernos cultos de cura conduzidos pelos carismáticos hoje em dia.

O único registro de uma cura milagrosa ocorrida durante um culto na igreja primitiva está em At 20:7-12.

NOTAS

40 - Gordon Clark, "Milagres", na Enciclopédia Bíblica Ilustrada (Merril C. Tenney, ed., Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible) (Grand Rapids: Zondervan, 1975), 4:244.

41 - Os milagres não aparecem arbitrariamente nas Escrituras. Eles estão ligados aos principais eventos da história da salvação de Israel. Existiram três grandes períodos de sinais na Bíblia. O primeiro foi durante o êxodo do Egito e a conquista de Canaã. Os sinais autenticaram Moisés e Josué perante o mundo pagão e o povo de Deus. Aquela foi uma grande atividade revelacional (e.g., os livros de Moisés). O segundo período compreendeu os ministérios de Elias e Eliseu. O ministério de Elias está situado no início do grande período profético. Os profetas explicavam a lei e revelavam o Messias que havia de vir. O terceiro grande período de milagres e atividades revelacionais foi durante os ministérios de Cristo e dos apóstolos. Os apóstolos explicavam às pessoas a obra de Cristo pelo Espírito Santo. Cristo é o fim e o centro de toda a revelação. "Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho a quem constituiu herdeiro de todas as coisas..." (Hb 1:1-2).

Os apóstolos explicavam às pessoas a obra de Cristo pelo Espírito Santo. Cristo é o fim e o centro de toda a revelação.

42 -Benjamin B. Warfield, Falsos Milagres (Counterfeit Miracles) (New York: Scribners, 1918).

43 - Hoekema, p. 65. Outra pergunta precisa ser feita: Por que nenhum dos grandes reformadores protestantes, como Lutero, Calvino, ou Knox exibiram tais dons? Esses homens foram usados por Deus para devolver o verdadeiro Evangelho a um mundo entenebrecido pela heresia papal. Eles arriscaram suas vidas, e, através de seus esforços, metade da Europa foi convertida a Cristo. Será que faz sentido que Deus ignorasse os reformadores e concedesse dons milagrosos a pessoas de doutrinas heréticas, como Charles F. Parham, Agnes Ozman e W. J. Seymour? Será que o Espírito da verdade autentica hereges?

44 - MacArthur, p. 134. O autor foi pessoalmente a mais de cem cultos e cruzadas de cura. É fato significativo que quase todos os modernos "curadores da fé" operem seus milagres com base na chamada "palavra do conhecimento". O "curador da fé" fica em pé no palco e diz: "Tem no auditório alguém que sofre de dor nas costas. Quem quer que você seja, Deus o está curando agora", ou "Venha até a frente, Deus irá lhe curar agora mesmo". Se o curador usar a segunda opção ele colocará as mãos sobre a pessoa "doente", dirá que ela está curada e a mandará de volta ao seu lugar. Na televisão, esses curadores da fé utilizam essa "palavra do conhecimento" para curar pessoas a milhares de quilômetros de distância. Eles conseguem até curar pessoas que assistem videoteipes ou reprises. Espantoso! Há somente um problema com a técnica da "palavra do conhecimento" utilizada por esses curadores: não existe a mínima evidência bíblica de que Cristo e os apóstolos alguma vez usaram esse método de cura. A técnica da "palavra do conhecimento" é um fenômeno do século vinte. Em uma grande igreja ou auditório, qualquer um pode dizer: "Alguém no auditório tem dor nas costas", e estar certo. Por quê? Porque dor nas costas, hemorróidas, problemas intestinais, etc, são comuns. A técnica da "palavra do conhecimento" é antibíblica e uma completa fraude. Se é Deus quem está fornecendo a esses homens informações sobre alguém enfermo no auditório, por que essas informações são tão vagas? Deus sabe todas as coisas. Por que o curador da fé não diz: "João Oliveira, você está sofrendo de dor na região lombar, venha até a frente e seja curado"? A informação é vaga porque ela não vem de Deus. Dois conhecidos curadores da fé que deram nomes, endereços e diagnósticos precisos foram, ambos, desmascarados. Suas esposas estavam por detrás dos bastidores fornecendo-lhes as informações através de um sistema de rádio. Se Deus pode dar a um profeta a informação exata quinhentos anos antes do fato acontecer, será que Ele não podia dizer a Pat Robertson o nome da pessoa curada de hemorróidas em Dallas, no Texas?

Nota do tradutor
A) Ver Apocalipse 1:12-20.
B) Ver Mt 12:9-14; Mc 3:1-6; Lc 6:6-11.

IX SIMPÓSIO "OS PURITANOS"

A Lei de Deus

RECIFE (PE) - 22 a 24 de Junho
Primeira Igreja Presbiteriana do Recife

BELÉM (PA) - 29 a 30 de Junho
Igreja Presbiteriana Central do Pará

CAMPINAS (SP) - 3 a 7 de Julho
Hotel Nacional INN****

TEMAS:

A Lei Moral - Exp. dos Dez Mandamentos
A Natureza da Lei
Lei e Evangelho
A Pregação do Evangelho e a Lei
A Lei e a Justificação
Jesus o Fim da Lei
Lei e Piedade
Antinomianismo
Lutero x Calvino e a Lei
Exposição da Epístola aos Gálatas

PRELETORES ESTRANGEIROS:



Dr. Joseph Pipa, diretor do Greenville Presbyterian Theological Seminary (SC) onde é professor de Teologia Sistemática.



Dr. George Knight III, professor de Novo Testamento no mesmo Seminário (USA).

INFORMAÇÕES:

PROJETO OS PURITANOS

RECIFE (PE) - Tel.: (81) 423-4175 / e-mail: ospuritanos@uol.com.br
BELÉM (PA) - Tel.: (91) 246-3293
SÃO PAULO (SP) - Tel.: (11) 6957-6644 / e-mail: facioligrafic@osite.com.br
Site: www.puritanos.com.br